

**Estatística e Análise do Mercado  
de Energia Elétrica**  
**Boletim Mensal**  
**(mês-base: junho 2006)**

**Agosto 2006**



**Empresa  
de Pesquisa  
Energética**

**Ministério de  
Minas e Energia**



Empresa de Pesquisa Energética

## **Governo Federal**

### **Ministério de Minas e Energia**

#### **Ministro**

Silas Rondeau Cavalcante Silva

#### **Secretário de Planejamento e Desenvolvimento Energético**

Márcio Pereira Zimmermann

#### **Diretor do Departamento de Planejamento Energético**

Iran de Oliveira Pinto

# **Estatística e Análise do Mercado de Energia Elétrica**

## **Boletim Mensal (mês-base: junho 2006)**



Empresa de Pesquisa Energética

Empresa pública, vinculada ao Ministério de Minas e Energia, instituída nos termos da Lei nº 10.847, de 15 de março de 2004, a EPE tem por finalidade prestar serviços na área de estudos e pesquisas destinadas a subsidiar o planejamento do setor energético, tais como energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética, dentre outras.

#### **Presidente**

Maurício Tiomno Tolmasquim

#### **Diretor de Estudos Econômicos e Energéticos**

Amílcar Guerreiro

#### **Diretor de Estudos da Expansão de Energia Elétrica**

José Carlos de Miranda Farias

#### **Diretor de Estudos de Petróleo, Gás e Bioenergia**

Maurício Tiomno Tolmasquim (Interino)

#### **Diretor de Gestão Corporativa**

Ibanês César Cássel

URL: <http://www.epe.gov.br>

#### **Sede**

SAN – Quadra 1 – Bloco “B” – 1º andar  
70051-903 Brasília DF

#### **Escritório Central**

RB1 - Av. Rio Branco, nº 1 - 11º andar  
20090-003 Rio de Janeiro RJ

#### **Coordenação Geral**

Maurício Tiomno Tolmasquim

Amílcar Gonçalves Guerreiro

#### **Coordenação Executiva**

James Bolívar Luna de Azevedo

#### **Coordenação Técnica**

Cláudio Gomes Velloso

#### **Equipe Técnica**

Inah de Holanda

José Manuel David

Luiz Claudio Orleans


Patrícia de Magalhães Castro (Estagiária)

Rio de Janeiro, Agosto de 2006

Copyright © 2005, EPE – Empresa de Pesquisa Energética  
Autorizada a reprodução parcial desde que citada a fonte



Empresa de Pesquisa Energética

 Empresa de Pesquisa Energética	Diretoria de Estudos Econômicos e Energéticos Superintendência de Economia da Energia	DATA	REV.
		<b>Ago/2006</b>	<b>0</b>
ÁREA DE ESTUDO			
<b>ESTATÍSTICA E ANÁLISE DO MERCADO DE ENERGIA</b>			
COD. PROD.	PRODUTO		
<b>4.01.01</b>	<b>Estatística e Análise do Mercado de Energia Elétrica</b>		
COD. NT	NOTA TÉCNICA		
<b>4.01.01.07</b>	<b>Boletim Mensal (mês-base: junho 2006)</b>		

## **ESTATÍSTICA E ANÁLISE DO MERCADO DE ENERGIA ELÉTRICA**

**BOLETIM MENSAL (Mês base: junho de 2006)**

### **Sumário**

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2. MERCADO DE FORNECIMENTO – CONSIDERAÇÕES GERAIS.....</b>	<b>4</b>
<b>2.1 CONSUMO RESIDENCIAL .....</b>	<b>10</b>
<b>2.2 CONSUMO COMERCIAL .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3. CONSUMO INDUSTRIAL .....</b>	<b>21</b>
<b>2.4. OUTROS CONSUMOS .....</b>	<b>27</b>
<b>3. MERCADO DE DISTRIBUIÇÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>4. MERCADO DE DISTRIBUIÇÃO E CARGA DE ENERGIA.....</b>	<b>30</b>
<b>ANEXO 1: DEFINIÇÕES E CONCEITOS .....</b>	<b>33</b>
<b>ANEXO 2: MERCADO DE FORNECIMENTO POR SUBSISTEMA ELÉTRICO .....</b>	<b>34</b>
<b>ANEXO 3: TEMPERATURAS MÉDIAS, EM GRAUS CELSIUS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO 4: PRODUÇÃO INDUSTRIAL REGIONAL .....</b>	<b>36</b>

## 1. Apresentação

A Empresa de Pesquisa Energética – EPE é empresa pública instituída nos termos da Lei nº 10.847, de 15 de março de 2004, e do Decreto nº 5.184, de 16 de agosto de 2004, vinculada ao Ministério de Minas e Energia – MME. Tem por finalidade prestar serviços na área de estudos e pesquisas destinados a subsidiar o planejamento do setor energético, tais como energia elétrica, petróleo e gás natural e seus derivados, carvão mineral, fontes energéticas renováveis e eficiência energética, dentre outras.

O acompanhamento mensal do mercado de energia elétrica brasileiro é ferramenta essencial para o entendimento da dinâmica do processo do consumo de energia nas diversas classes consumidoras e regiões do País, fornecendo subsídios valiosos para os estudos do planejamento da operação e da expansão do sistema.

Dentro de suas atribuições legais, por meio da Superintendência de Economia da Energia da Diretoria de Estudos Econômicos e Energéticos, a EPE vem realizando, desde janeiro de 2005, esse acompanhamento.

O presente informe traz a público os valores consolidados do consumo de energia elétrica em junho deste ano 2006 e no acumulado janeiro-junho, assim como do mercado livre, da autoprodução transportada e dos requisitos totais dos Sistemas Isolados e do Sistema Interligado (carga de energia do sistema). Também tem como objetivo analisar e ressaltar os principais e relevantes fatos no que toca o desempenho de cada segmento do mercado de energia elétrica.

Os valores consolidados refletem levantamento de dados junto aos agentes de distribuição, transmissão e geração, compreendendo o consumo faturado e/ou medido por tais agentes. Representam, assim, o consumo de energia elétrica das cerca de 56 milhões de unidades consumidoras conectadas à rede elétrica nacional. Não fazem parte desta estatística, portanto, os consumos de unidades autoprodutoras de energia elétrica, isto é, aquelas onde produção e consumo se dão no mesmo sítio, sem interferência direta com o sistema elétrico operado pelos agentes acima referidos.

Ao final do relatório são apresentados os seguintes anexos:

Anexo 1: Definições e Conceitos

Anexo 2: Mercado de Fornecimento por Subsistema Elétrico

Anexo 3: Temperaturas Médias nas Capitais Brasileiras

Anexo 4: Produção Industrial Regional

## 2. Mercado de Fornecimento – Considerações Gerais

O montante de energia elétrica consumido por consumidores livres e cativos no país registrou o valor de 28.424 GWh em junho de 2006, significando um aumento de apenas 2,3% contra o mesmo mês de 2005.

Com o resultado de junho, o crescimento do consumo total no primeiro semestre do ano foi de 3,2% e, nos 12 últimos meses findos em junho, de 3,7%.

A análise do desempenho do mercado frente a junho do ano passado deve levar em conta três principais fatos:

- o acontecimento da Copa do Mundo de Futebol, que provocou interrupções informais nos diversos setores econômicos nos dias de jogos do Brasil, afetando, portanto, o consumo de todos os segmentos do mercado;
- o registro de temperaturas predominantemente mais baixas nas capitais, principalmente nas regiões Sudeste e Sul, influenciando mais intensamente os consumos residencial e comercial de energia elétrica;
- a desaceleração da produção industrial, que anotou taxas de -0,6% e de -1,7% em relação a junho de 2005 e maio de 2006, respectivamente.

Dessa forma, todos os segmentos do mercado revelaram desempenho moderado em junho. O melhor resultado foi apresentado pelo segmento *outros*, que agrega o consumo das classes rural, poder público, iluminação pública, serviço público e consumo próprio, com o crescimento de 3,9%.

A classe residencial (24,5% do mercado com consumo de 6.957 GWh) apresentou crescimento de 2,6% contra junho do ano passado. Com este resultado, a classe passou a acumular no ano expansão de 3,5%. Os Sistemas Isolados continuaram consolidando variação mensal negativa (-2,9%) frente ao ano anterior. O melhor desempenho para a classe foi revelado pelo Nordeste (4,4%), vindo a seguir o Norte com variação de 3,4%.

O consumo comercial, com um montante de 4.323 GWh, expandiu apenas 0,7% em junho, representando 15,2% do fornecimento total do mês. O desempenho desse segmento foi melhor também no Nordeste, onde se verificou um significativo aumento de 5,9%. Em um segundo patamar de crescimento se situou o Norte Interligado, com uma taxa de 4,1%. Os demais subsistemas praticamente não alteraram o consumo comercial, assinalando taxas em torno de 0%.

Por sua vez, a classe industrial, que representou 45,3% do mercado total no mês com o consumo de 12.883 GWh, registrou expansão de 2,1% sobre junho de 2005. A taxa acumulada no ano encontra-se em 2,2%, a mesma para o dado referente aos 12 últimos meses findos em junho.



Empresa de Pesquisa Energética

## **Resultados no semestre**

O mercado de fornecimento no País encerrou o primeiro semestre de 2006 com expansão de 3,2% na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Entre dezembro de 2005 e junho de 2006, foram incorporados aos sistemas de distribuição das concessionárias 998 mil novos consumidores, com uma média de 165 mil ligações/mês. Tal acréscimo reflete não só o aumento vegetativo de consumidores, mas também aquele decorrente do Programa Luz para Todos do Governo Federal.

As classes de consumo tiveram comportamento diferenciado no período (Tabela 1). A classe residencial cresceu 3,5%. O consumo industrial, que normalmente acompanha o desempenho da economia, expandiu 2,2% frente ao primeiro semestre de 2005, pouco abaixo do crescimento da produção industrial no país no mesmo período (2,6%), de acordo com informações do IBGE. A classe comercial e o segmento *outros* ampliaram o consumo em 4,3% e 4,4%, respectivamente, mantendo-se na liderança do crescimento do mercado, a exemplo do que já havia ocorrido em 2005.

Quanto aos resultados por região, o melhor desempenho do mercado frente ao primeiro semestre de 2005 ocorreu no Nordeste, com a taxa de 4,0%. As demais regiões apresentaram expansão em torno dos 3%.

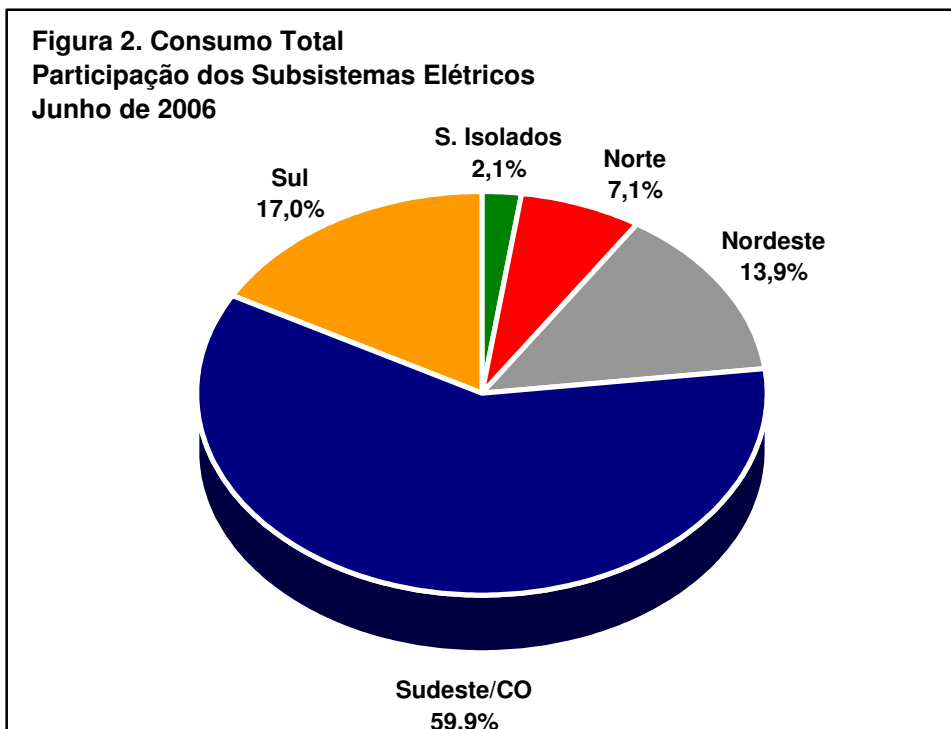
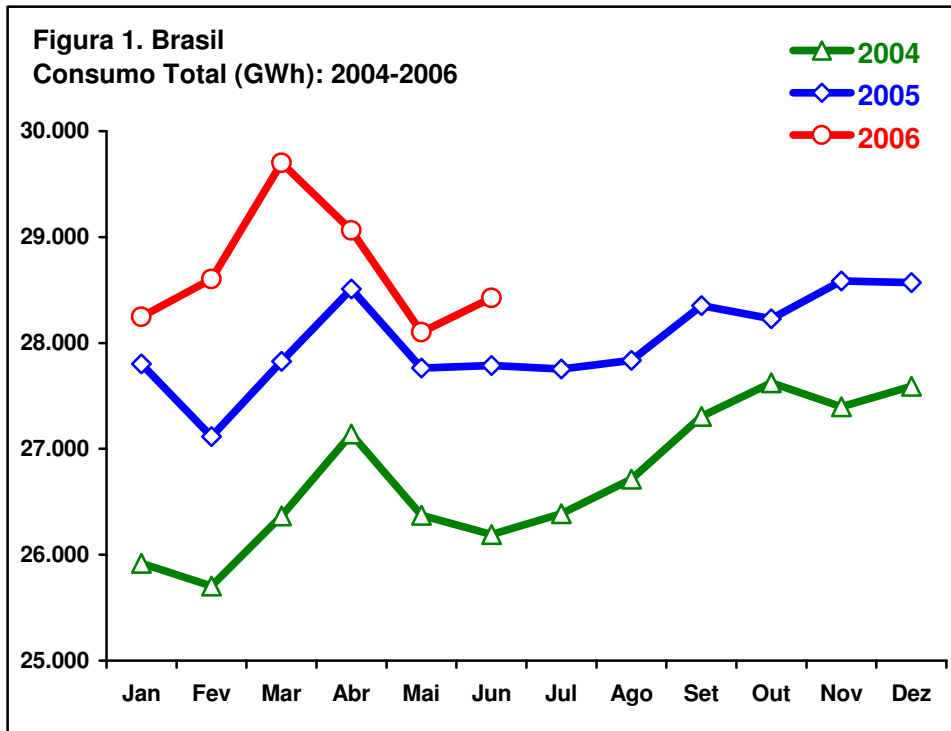
Este primeiro semestre caracterizou-se por dois períodos distintos no que toca o crescimento do mercado em relação ao ano anterior (Anexo 2). No primeiro trimestre, o crescimento do consumo total foi de 4,6%. Neste período, a classe residencial registrou aumento de 4,5% no seu consumo, a industrial de 3,1% e a comercial de 7,0%. O agregado das demais classes de consumo registrou acréscimo de 6,5%. Já no segundo trimestre, o crescimento do consumo total de energia elétrica foi baixo, de 1,8%. Todas as classes de consumo também apontaram nível de crescimento mais baixo que o ocorrido no primeiro trimestre: 2,4% (residencial), 1,4% (industrial), 1,5% (comercial) e 2,4% (outras classes).

A queda no nível de crescimento do mercado total na passagem do primeiro para o segundo trimestre se deveu a alguns fatores, entre os quais:

- temperaturas médias mais baixas em praticamente todas as capitais dos estados nos meses de abril, maio e junho, com diferenças, em alguns casos, de até menos 2 graus, afetando principalmente o consumo de energia elétrica das classes residencial e comercial;
- queda no nível de crescimento da produção industrial, passando de 4,6%, registrados no primeiro trimestre, para 0,8%, no segundo, influenciando no consumo industrial de energia elétrica;
- menor número de dias úteis, a ocorrência de três feriados prolongados e o acontecimento da Copa do Mundo de Futebol, afetando não só a atividade industrial, mas também aquelas ligadas ao setor de comércio e serviços e às entidades públicas;

- paralisações temporárias de importantes indústrias eletrointensivas para manutenção ou por problemas técnico-operacionais no segundo trimestre.

A evolução mensal do consumo total desde 2004 e a sua distribuição pelos subsistemas elétricos segmentos são apresentadas nas Figuras 1 e 2 a seguir.





As Tabelas 1 e 2 a seguir apresentam, respectivamente, os valores do mercado de fornecimento detalhados por suas principais classes de consumo e segundo subsistema elétrico e região, tendo junho como mês de referência.

**Tabela 1. Mercado de Fornecimento. Brasil e Subsistemas Elétricos  
Consumo de Energia Elétrica (GWh)  
Mês de Referência: Junho**

Subsistemas/ Classes	No Mês			No Ano			12 Meses		
	2005	2006	%	2005	2006	%	2005	2006	%
<b>Brasil</b>	<b>27.787</b>	<b>28.424</b>	<b>2,3</b>	<b>166.807</b>	<b>172.139</b>	<b>3,2</b>	<b>329.188</b>	<b>341.465</b>	<b>3,7</b>
Residencial	6.781	6.957	2,6	41.410	42.850	3,5	80.492	84.143	4,5
Industrial	12.613	12.883	2,1	74.116	75.780	2,2	148.945	152.152	2,2
Comercial	4.291	4.323	0,7	26.734	27.880	4,3	51.432	54.125	5,2
Outros	4.102	4.262	3,9	24.546	25.630	4,4	48.319	51.046	5,6
<b>Sistemas Isolados</b>	<b>593</b>	<b>599</b>	<b>1,0</b>	<b>3.446</b>	<b>3.513</b>	<b>1,9</b>	<b>6.950</b>	<b>7.250</b>	<b>4,3</b>
Residencial	197	191	-2,9	1.168	1.149	-1,7	2.342	2.390	2,0
Industrial	151	159	5,5	851	922	8,4	1.760	1.882	7,0
Comercial	117	118	0,8	683	690	1,1	1.360	1.418	4,3
Outros	128	131	2,0	745	752	0,9	1.489	1.560	4,8
<b>Norte Interligado</b>	<b>1.888</b>	<b>2.004</b>	<b>6,2</b>	<b>11.248</b>	<b>11.802</b>	<b>4,9</b>	<b>22.696</b>	<b>23.549</b>	<b>3,8</b>
Residencial	258	267	3,4	1.542	1.548	0,4	3.043	3.160	3,8
Industrial	1.342	1.434	6,9	8.025	8.522	6,2	16.222	16.847	3,9
Comercial	144	150	4,1	837	856	2,2	1.675	1.753	4,7
Outros	144	153	6,1	845	877	3,8	1.756	1.789	1,9
<b>Nordeste Interligado</b>	<b>3.808</b>	<b>3.954</b>	<b>3,8</b>	<b>23.505</b>	<b>24.224</b>	<b>3,1</b>	<b>46.429</b>	<b>48.375</b>	<b>4,2</b>
Residencial	978	1.021	4,4	6.227	6.390	2,6	11.902	12.427	4,4
Industrial	1.581	1.602	1,4	9.495	9.545	0,5	19.223	19.470	1,3
Comercial	554	587	5,9	3.509	3.687	5,1	6.738	7.211	7,0
Outros	695	744	7,0	4.274	4.602	7,7	8.566	9.267	8,2
<b>Sudeste/CO Interligado</b>	<b>16.776</b>	<b>17.035</b>	<b>1,5</b>	<b>99.686</b>	<b>102.776</b>	<b>3,1</b>	<b>196.735</b>	<b>204.148</b>	<b>3,8</b>
Residencial	4.219	4.331	2,7	25.554	26.675	4,4	49.807	52.313	5,0
Industrial	7.446	7.527	1,1	43.727	44.336	1,4	87.259	89.005	2,0
Comercial	2.767	2.759	-0,3	17.172	17.941	4,5	33.112	34.781	5,0
Outros	2.344	2.417	3,1	13.233	13.824	4,5	26.557	28.049	5,6
<b>Sul Interligado</b>	<b>4.722</b>	<b>4.831</b>	<b>2,3</b>	<b>28.921</b>	<b>29.824</b>	<b>3,1</b>	<b>56.378</b>	<b>58.142</b>	<b>3,1</b>
Residencial	1.129	1.146	1,5	6.919	7.088	2,4	13.398	13.853	3,4
Industrial	2.094	2.159	3,1	12.019	12.453	3,6	24.481	24.947	1,9
Comercial	708	709	0,2	4.534	4.707	3,8	8.546	8.962	4,9
Outros	791	817	3,3	5.449	5.576	2,3	9.952	10.380	4,3

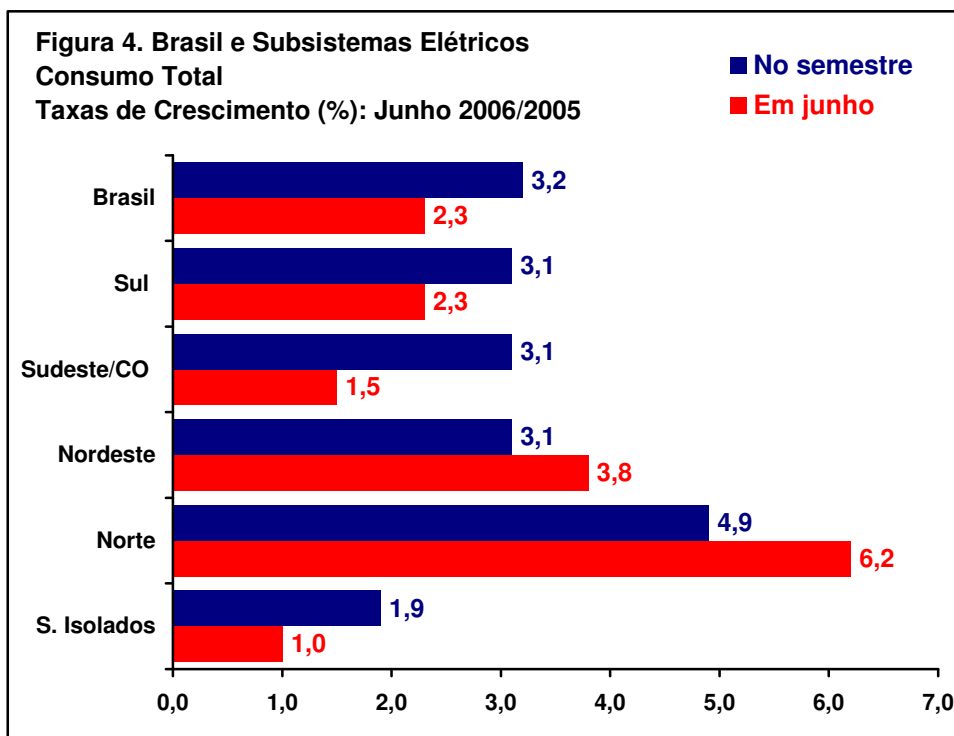
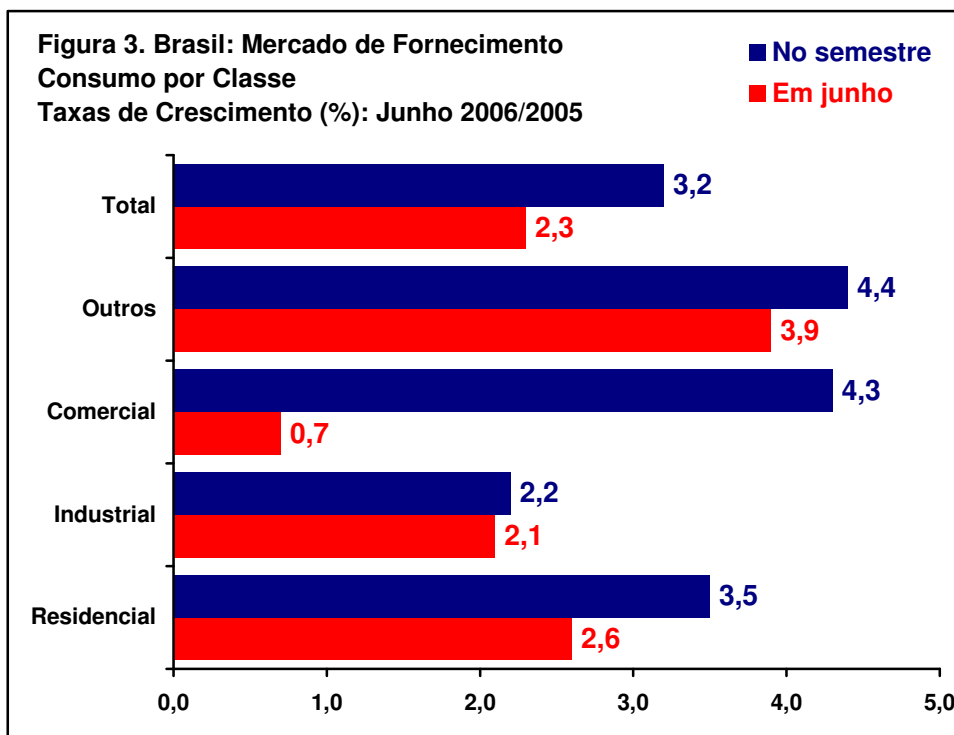
Valores preliminares

**Tabela 2. Mercado de Fornecimento. Brasil e Regiões**  
**Consumo de Energia Elétrica (GWh)**  
**Mês de Referência: Junho**

Regiões/ Classes	No Mês			No Ano			12 Meses		
	2005	2006	%	2005	2006	%	2005	2006	%
<b>Brasil</b>	<b>27.787</b>	<b>28.424</b>	<b>2,3</b>	<b>166.807</b>	<b>172.139</b>	<b>3,2</b>	<b>329.188</b>	<b>341.465</b>	<b>3,7</b>
Residencial	6.781	6.957	2,6	41.410	42.850	3,5	80.492	84.143	4,5
Industrial	12.613	12.883	2,1	74.116	75.780	2,2	148.945	152.152	2,2
Comercial	4.291	4.323	0,7	26.734	27.880	4,3	51.432	54.125	5,2
Outros	4.102	4.262	3,9	24.546	25.630	4,4	48.319	51.046	5,6
<b>Norte</b>	<b>1.690</b>	<b>1.761</b>	<b>4,2</b>	<b>10.073</b>	<b>10.361</b>	<b>2,9</b>	<b>20.326</b>	<b>20.907</b>	<b>2,9</b>
Residencial	352	354	0,7	2.108	2.084	-1,2	4.198	4.296	2,3
Industrial	920	970	5,5	5.510	5.770	4,7	11.164	11.487	2,9
Comercial	209	215	3,2	1.218	1.242	2,0	2.437	2.544	4,4
Outros	210	221	5,5	1.237	1.265	2,3	2.527	2.580	2,1
<b>Nordeste</b>	<b>4.572</b>	<b>4.782</b>	<b>4,6</b>	<b>27.967</b>	<b>29.084</b>	<b>4,0</b>	<b>55.428</b>	<b>58.002</b>	<b>4,6</b>
Residencial	1.071	1.120	4,5	6.773	6.966	2,9	12.980	13.586	4,7
Industrial	2.148	2.223	3,5	12.830	13.204	2,9	25.976	26.663	2,6
Comercial	601	636	5,9	3.775	3.970	5,2	7.268	7.784	7,1
Outros	751	803	6,9	4.588	4.944	7,7	9.205	9.969	8,3
<b>Sudeste</b>	<b>15.163</b>	<b>15.366</b>	<b>1,3</b>	<b>90.120</b>	<b>92.832</b>	<b>3,0</b>	<b>177.363</b>	<b>184.144</b>	<b>3,8</b>
Residencial	3.711	3.822	3,0	22.492	23.519	4,6	43.785	46.034	5,1
Industrial	7.047	7.091	0,6	41.333	41.802	1,1	82.184	83.894	2,1
Comercial	2.457	2.447	-0,4	15.238	15.926	4,5	29.360	30.845	5,1
Outros	1.949	2.006	3,0	11.057	11.586	4,8	22.033	23.372	6,1
<b>Sul</b>	<b>4.722</b>	<b>4.831</b>	<b>2,3</b>	<b>28.921</b>	<b>29.824</b>	<b>3,1</b>	<b>56.378</b>	<b>58.143</b>	<b>3,1</b>
Residencial	1.129	1.146	1,5	6.919	7.088	2,4	13.398	13.853	3,4
Industrial	2.094	2.159	3,1	12.019	12.453	3,6	24.481	24.947	1,9
Comercial	708	709	0,2	4.534	4.707	3,8	8.546	8.962	4,9
Outros	791	817	3,3	5.449	5.576	2,3	9.952	10.380	4,3
<b>Centro-Oeste</b>	<b>1.640</b>	<b>1.683</b>	<b>2,6</b>	<b>9.726</b>	<b>10.039</b>	<b>3,2</b>	<b>19.694</b>	<b>20.270</b>	<b>2,9</b>
Residencial	518	515	-0,5	3.118	3.194	2,4	6.131	6.374	4,0
Industrial	404	439	8,7	2.424	2.550	5,2	5.141	5.161	0,4
Comercial	316	315	-0,5	1.970	2.036	3,4	3.820	3.990	4,5
Outros	402	414	3,0	2.215	2.259	2,0	4.603	4.745	3,1

Valores preliminares

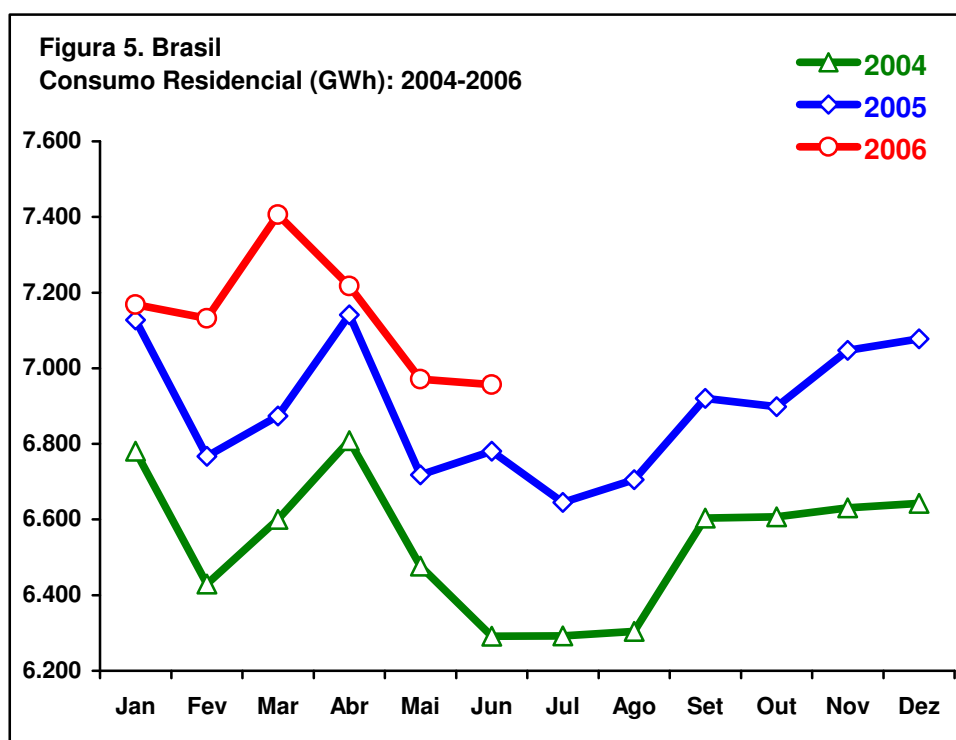
As Figuras 3 e 4 a seguir apresentam as taxas de crescimento no mês de junho, contra igual mês de 2005, referentes aos principais segmentos do mercado e ao consumo total em cada subsistema elétrico.



## 2.1 Consumo Residencial

Em junho de 2006, o montante de energia elétrica consumido pelos consumidores residenciais totalizou 6.957 GWh, representando 24,5% do consumo total e indicando crescimento de 2,6% ante o mesmo mês de 2005. A taxa acumulada no ano encontra-se em 3,5% e, no acumulado de 12 meses, em 4,5%.

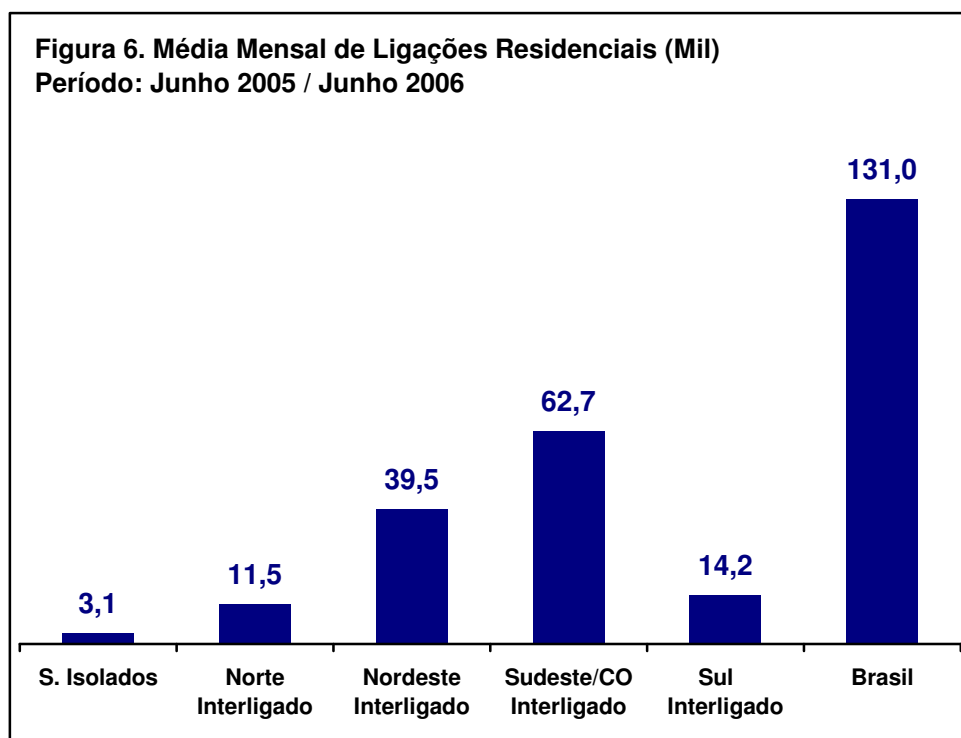
A Figura 5 a seguir ilustra a evolução mensal do consumo residencial nacional desde 2004.



Ao final de junho de 2006, o número de unidades consumidoras residenciais atendidas pelos agentes distribuidores alcançou o valor de 49,2 milhões, mantendo crescimento na casa dos 3% ante o ano anterior. O aumento líquido de contas residenciais no período de um ano totalizou 1,6 milhão, indicando uma média de 131 mil novas ligações/mês.

Nos Subsistemas Norte e Nordeste Interligados, o número de unidades consumidoras residenciais cresceu acima da média nacional, com taxas de 5,9% (138 mil ligações) e 4,5% (474 mil ligações), respectivamente. Nos Sistemas Isolados, o crescimento (3,1%) praticamente se igualou ao do Brasil (3,3%), enquanto os demais subsistemas registraram aumentos abaixo da média nacional: 2,8% (753 mil contas) no Sudeste/CO e 2,4% (170 mil contas) no Sul.

O gráfico a seguir apresenta a média mensal de ligações residenciais entre o mês de junho de 2005 e 2006 em cada subsistema elétrico.

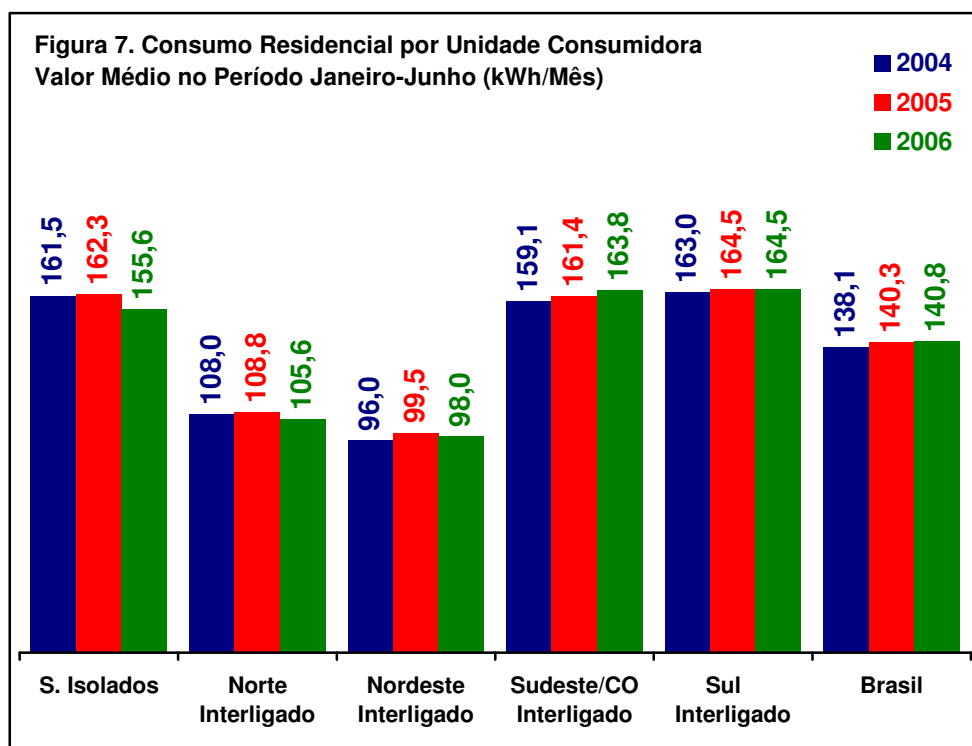


Em nível de Brasil, o consumo residencial por unidade consumidora residencial em junho foi de 141,4 kWh/mês, 0,7% inferior ao de junho de 2005 (142,4 kWh/mês).

Em 12 meses findos em junho, verificou-se uma melhoria neste indicador em termos de Brasil, que passou de 140,9 para 142,5 kWh/mês (crescimento de 1,1%). No entanto, a melhoria só se verificou nos Subsistemas Sudeste/CO e Sul, que apontaram aumentos de respectivamente 2,1% e 1,0%, passando de 156,4 para 159,7 kWh/mês e de 158,4 para 160,0 kWh/mês nos dois casos. No Nordeste Interligado, o indicador manteve-se no mesmo patamar de 2005, enquanto no Norte Interligado e nos Sistemas Isolados houve redução de 1,9% e 1,0%, correspondendo a alteração de 108,7 para 106,6 kWh/mês e de 162,4 para 160,7 kWh/mês.

Considerando a média do consumo residencial médio no período janeiro-junho dos últimos anos, verifica-se, na passagem de 2005 para 2006, que apenas no Subsistema Sudeste/CO houve melhora do indicador, que passou de 161,4 para 163,8 kWh/mês. No Sul, o indicador apresentou pequeno aumento na passagem de 2004 para 2005, para então manter-se no mesmo patamar em 2006 (164,5 kWh/mês). Nos demais subsistemas houve redução do valor, com destaque para o ocorrido nos sistemas isolados, onde o indicador declinou de 162,3 para 155,6 kWh/mês, significando um decréscimo de 4,2%.

A Figura 7 abaixo compara o consumo residencial médio das residências regularizadas junto aos agentes distribuidores, considerando a média dos valores mensais no período janeiro-junho dos anos 2004 a 2006.



As Tabelas 3 e 4 a seguir apresentam os dados relativos à classe residencial, tomando como referência o mês de junho. O consumo médio residencial apresentado representa o resultado da divisão do consumo residencial acumulado em 12 meses findos em junho pelo número de unidades residenciais regularizadas em 31 de junho de 2006.

**Tabela 3. Brasil e Subsistemas Elétricos  
Unidades Consumidoras Residenciais e Consumo Médio Residencial**

<b>Unidades Consumidoras</b>			
<b>Subsistemas</b>	<b>Junho 2005</b>	<b>Junho 2006</b>	<b>%</b>
Sistemas Isolados	1.201.357	1.238.662	3,1
Norte Interligado	2.332.377	2.470.216	5,9
Nordeste Interligado	10.500.176	10.974.263	4,5
Sudeste/CO Interligado	26.539.822	27.292.340	2,8
Sul Interligado	7.046.792	7.216.773	2,4
<b>Brasil</b>	<b>47.620.524</b>	<b>49.192.254</b>	<b>3,3</b>
<b>Consumo Médio - kWh/Mês (*)</b>			
<b>Subsistemas</b>	<b>Junho 2005</b>	<b>Junho 2006</b>	<b>%</b>
Sistemas Isolados	162,4	160,7	-1,0
Norte Interligado	108,7	106,6	-1,9
Nordeste Interligado	94,5	94,4	-0,1
Sudeste/CO Interligado	156,4	159,7	2,1
Sul Interligado	158,4	160,0	1,0
<b>Brasil</b>	<b>140,9</b>	<b>142,5</b>	<b>1,1</b>

Valores preliminares

\* Relação entre o consumo residencial e o número de unidades residenciais regularizadas; valor em 12 meses findos em junho

Taxas calculadas com base no consumo em MWh

**Tabela 4. Brasil e Regiões  
Unidades Consumidoras Residenciais e Consumo Médio Residencial**

<b>Unidades Consumidoras</b>			
<b>Regiões</b>	<b>Junho 2005</b>	<b>Junho 2006</b>	<b>%</b>
Norte	2.436.926	2.543.758	4,4
Nordeste	11.537.479	12.096.011	4,8
Sudeste	23.190.876	23.815.753	2,7
Sul	7.046.792	7.216.773	2,4
Centro-Oeste	3.408.451	3.519.959	3,3
<b>Brasil</b>	<b>47.620.524</b>	<b>49.192.254</b>	<b>3,3</b>
<b>Consumo Médio - kWh/Mês (*)</b>			
<b>Regiões</b>	<b>Junho 2005</b>	<b>Junho 2006</b>	<b>%</b>
Norte	143,6	140,7	-2,0
Nordeste	93,8	93,6	-0,2
Sudeste	157,3	161,1	2,4
Sul	158,4	160,0	1,0
Centro-Oeste	149,9	150,9	0,7
<b>Brasil</b>	<b>140,9</b>	<b>142,5</b>	<b>1,1</b>

Valores preliminares

\* Relação entre o consumo residencial e o número de unidades residenciais regularizadas; valor em 12 meses findos em junho

Taxas calculadas com base no consumo em MWh



Empresa de Pesquisa Energética

O consumo residencial nacional de energia elétrica referente ao mês de junho sofreu a influência de temperaturas médias predominantemente mais baixas nas capitais brasileiras, principalmente das Regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste (ver Anexo 3).

Neste mês de junho, à exceção dos Sistemas Isolados (-2,9%), todos os subsistemas apresentaram crescimento para o consumo residencial.

O melhor desempenho ocorreu no Nordeste, que assinalou aumento de 4,4% ante junho de 2005. Com o resultado de junho, o setor residencial no subsistema passou a acumular no ano expansão de 2,6% e, nos 12 meses findos em junho, de 4,4%.

No Nordeste, diferentemente das demais regiões, as temperaturas nas capitais nordestinas foram muito próximas daquelas verificadas no ano passado, não exercendo, assim, influência para o aumento ou redução do consumo de energia elétrica. Considerando a média das temperaturas médias nas capitais nordestinas no mês junho, observa-se uma diferença de apenas -0,2 graus Celsius para a região Nordeste como um todo.

Entre os estados da Região Nordeste, os destaques no mês de junho foram os estados do Rio Grande do Norte e Paraíba, onde o consumo residencial registrou acréscimos de na casa dos 12% e 10%, respectivamente. Na Paraíba, além de aumento expressivo no número de unidades residenciais cadastradas, observou-se, no mês, forte aumento do consumo residencial médio, que registrou o valor de 91 kWh/mês, contra 85 kWh/mês em junho de 2005.

Com desempenho negativo, apresentaram-se o Piauí e Alagoas, com taxas mensais próximas de -1% e -3%, respectivamente. Os demais estados da região Nordeste registraram crescimento entre 2% (Ceará) e 5% (Bahia).

No Subsistema Sudeste/CO, o consumo residencial registrou aumento de 2,7% contra junho de 2005. A classe acumula no ano expansão de 4,4%, a maior taxa entre os subsistemas neste tipo de comparação.

O comportamento do consumo residencial neste subsistema por certo sofreu a influência das temperaturas mais baixas nos meses de maio e junho (parte do consumo de maio é faturado em junho), principalmente nas capitais dos estados do Sudeste.

No Rio de Janeiro, a temperatura média em maio e junho de 2006 foi 2,3 e 1,2 graus mais baixa que as correspondentes em 2005, indicando para a média dos dois meses uma diferença de 1,8 graus a menos. Esse fato contribuiu para que o consumo residencial no estado em junho deste ano tenha sido cerca de 4% menor que o do mesmo mês de 2005, devendo-se notar que o número de dias faturados nos dois períodos foi praticamente o mesmo.

Em São Paulo, as temperaturas também foram mais baixas, indicando na média de maio e junho 2,0 graus a menos. Contudo, o consumo residencial de energia elétrica no estado apontou crescimento de 7%, refletindo, principalmente, o desempenho da classe na área que



abrange a capital e o ABC paulista (11%). Neste caso, os resultados estão relacionados com um processo de reclassificação de consumidores de outras classes para a residencial, com padrão de consumo mais elevado.

No Espírito Santo, o consumo residencial aumentou cerca de 2% em junho, após ter registrado crescimento na casa dos 11% em maio. Este resultado também foi influenciado pela ocorrência de temperaturas médias mais baixas em Vitória nos meses de maio e junho, indicando, para a média desses dois meses, uma diferença de 1 grau a menos.

Finalmente, em Minas Gerais, o consumo residencial de energia elétrica não apresentou aumento frente a junho do ano passado, anotando a taxa mensal de -0,7%. Quanto à temperatura, verificaram-se valores médios em maio e junho também inferiores aos de 2005, resultando numa diferença de quase 1 grau a menos na média dos dois meses.

O Centro-Oeste consolidou variação de -0,5% do consumo residencial em junho. Apenas em Goiás se verificou crescimento do consumo (taxa no patamar de 4%). Em Mato Grosso e no Distrito Federal, as variações foram negativas, com percentual entre 0% e -1%. Nas capitais desses três estados, as temperaturas médias em maio e junho deste ano foram muito próximas daquelas correspondentes de 2005.

Muito sensível às oscilações da temperatura, o consumo residencial em junho deste ano no Mato Grosso do Sul foi cerca de 7% inferior ao do mesmo mês de 2005. De fato, a temperatura média em maio de 2006 foi mais baixa que a correspondente de 2005 em 3,5 graus, influenciando no faturamento referente a junho.

No Subsistema Sul, o crescimento do consumo residencial foi de 1,5% em junho. Os estados da região revelaram resultados semelhantes, com taxas entre 1% e 2%. A influência da temperatura sobre o nível do consumo foi intensa neste caso, pois, nas três capitais, as diferenças verificadas entre os valores registrados em maio e junho deste ano e do ano passado foram expressivas, em geral 2 ou mais graus Celsius a menos. Considerando a média da temperatura média de maio e junho, são as seguintes as diferenças: -2,4 graus em Florianópolis e Curitiba e -2,7 graus em Porto Alegre.

O Norte Interligado vem alternando, ao longo do ano, variações negativas com crescimentos muito baixos do consumo residencial. Em junho, foi registrado um aumento de 3,4%, sendo esta a mais elevada taxa do semestre.

O consumo residencial no Estado do Pará representa aproximadamente 52% do total da classe no subsistema. Pela primeira vez no ano, a classe registrou variação positiva no estado, com a taxa mensal na casa dos 2%.

Já no Maranhão, o consumo residencial (cuja participação no total da classe se situa em torno dos 37%) vem revelando melhor desempenho, apontando taxa, em junho e no acumulado do ano, no patamar dos 5%. No Tocantins, finalmente, o crescimento do consumo residencial foi de 4%.



Empresa de Pesquisa Energética

Deve-se observar que as temperaturas médias nos meses de maio e junho deste ano em Belém, São Luiz e Palmas foram muito próximas das correspondentes do ano passado, assim não se constituindo em fator de pressão para aumento ou redução do consumo residencial de energia elétrica.

Após ter registrado pela primeira vez variação positiva no ano (1,6% em maio), o consumo residencial nos Sistemas Isolados voltou a registrar redução frente ao ano passado, anotando a taxa de -2,9% em junho. Uma vez que concentra cerca de 30% do consumo residencial total no subsistema, Manaus foi a maior responsável por tal resultado, pois acusou redução de quase 8% para o consumo residencial.

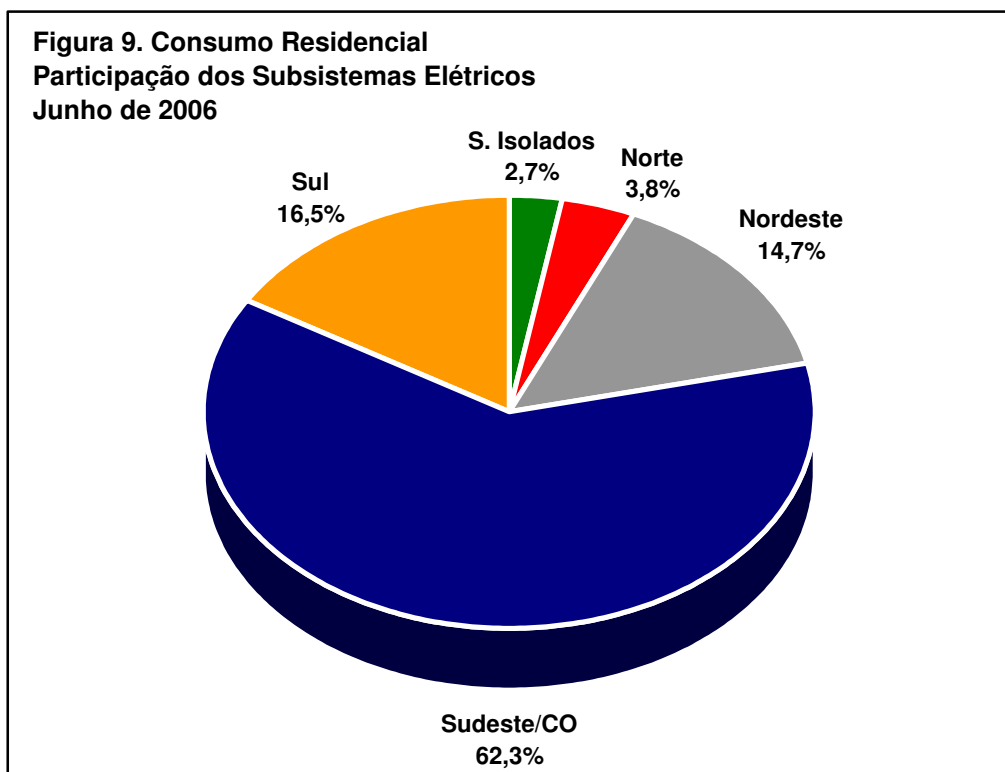
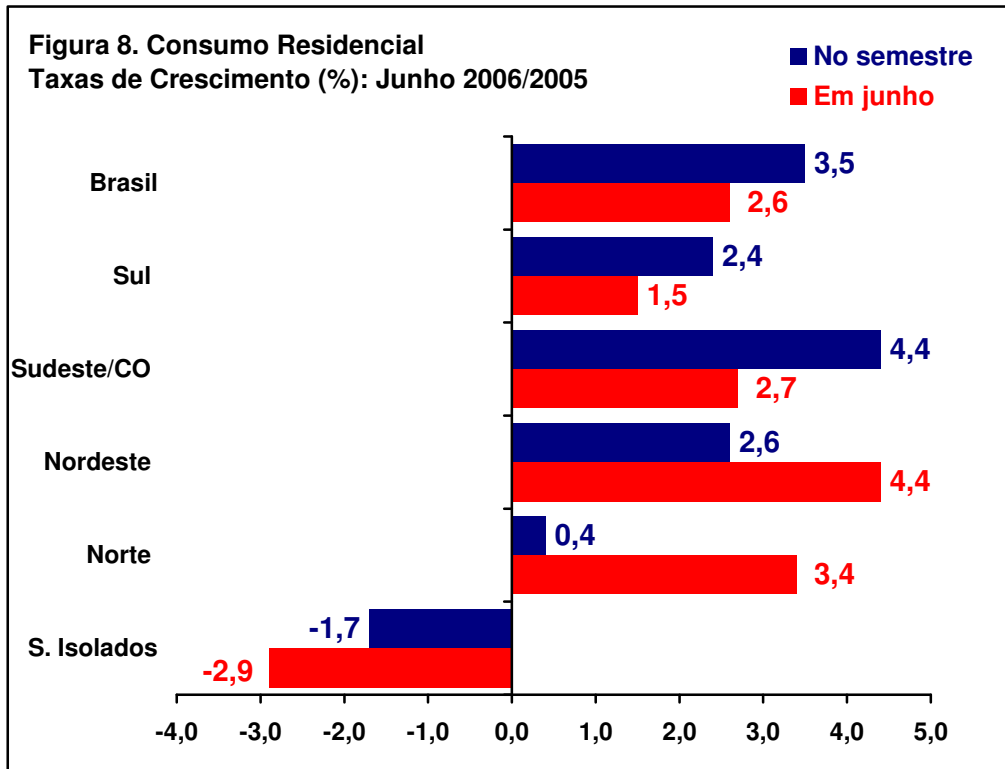
A retração ou os baixos crescimentos do consumo residencial em Manaus vem refletindo o aumento das perdas comerciais na área, apesar dos esforços empreendidos no combate às fraudes. Também, as temperaturas médias em maio e junho deste ano na cidade foram mais baixas que as correspondentes de 2005, principalmente em maio quando a diferença foi de - 1 grau.

Por outro lado, o consumo residencial no interior do Amazonas (cerca de 10% do total da classe) vem apresentando bons resultados desde o início do ano, principalmente a partir de abril. Em junho, o aumento foi de 11%, contribuindo para o crescimento de 9% no acumulado do semestre.

Em Rondônia, o consumo residencial (cerca de 20% do total da classe no subsistema) aumentou, em junho, 2,1%, reduzindo o crescimento no acumulado do ano para abaixo de 5%.

O Acre, com participação próxima dos 9% do total da classe no subsistema, registrou em junho a primeira taxa mensal negativa do consumo residencial: -4%. No ano, entretanto, a classe apresenta expansão no nível de 7%, o segundo melhor resultado no subsistema nesta comparação.

Finalmente, as Figuras 8 e 9 a seguir apresentam as taxas de crescimento do consumo residencial no mês de junho em cada subsistema elétrico e a sua distribuição pelos mesmos subsistemas.

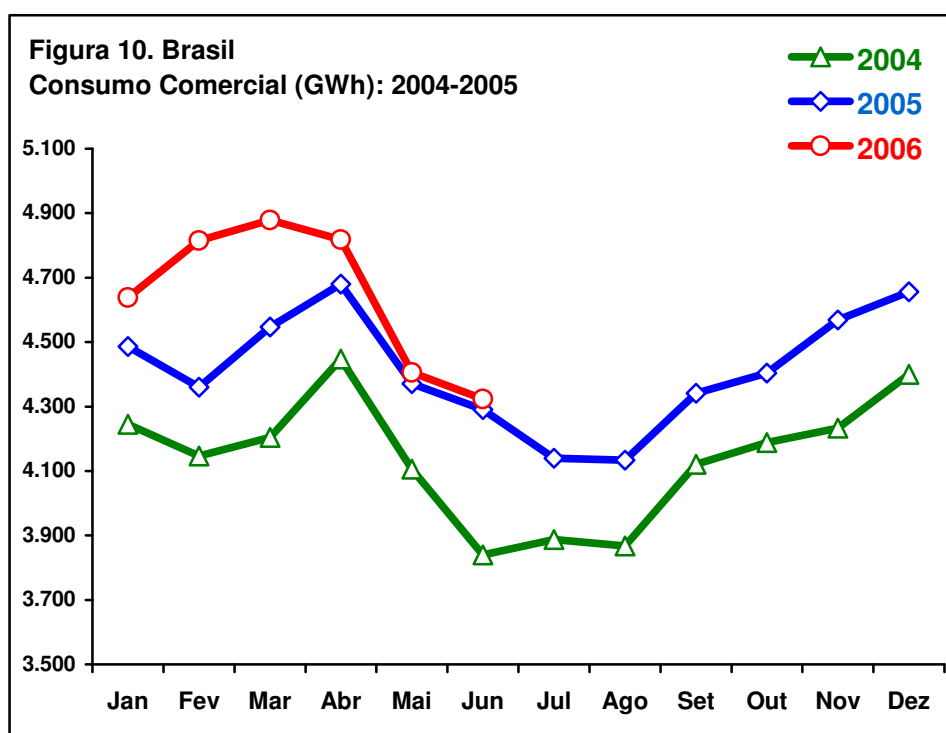


## 2.2 Consumo Comercial

A classe comercial apresentou, em junho de 2006, um consumo de 4.323 GWh, mantendo-se apenas ligeiramente acima do verificado de 2005 (taxa de 0,7%). No acumulado do período janeiro-junho, a categoria aponta expansão de 4,3%, enquanto nos últimos doze meses a taxa é de 5,2%.

Assim como no caso do consumo residencial, certamente, neste mês de junho, o consumo comercial de energia elétrica consolidado para o Brasil refletiu as temperaturas mais baixas nas regiões Sudeste e Sul e, principalmente, as interrupções informais nas atividades do comércio e serviços nos dias de jogos do Brasil na Copa do Mundo.

A Figura 10 a seguir ilustra a evolução mensal do consumo comercial de energia elétrica no País desde 2004, podendo-se inferir a queda do nível de crescimento ocorrida em abril e maio.



Neste mês de junho, o Nordeste registrou o expressivo crescimento de 5,9% para o consumo comercial, distinguindo-se dos demais subsistemas que, à exceção do Norte Interligado (4,1%), mantiveram praticamente o mesmo nível de consumo de junho de 2005: taxas de -0,3% no Sudeste/CO, de 0,2% no Sul e de 0,8% nos Sistemas Isolados.

No Nordeste, à exceção da Bahia (crescimento nulo), todos os estados apresentaram bom desempenho do consumo comercial. O destaque do mês foi o Piauí, onde a taxa mensal do segmento alcançou o patamar de 17%. No Rio Grande do Norte e na Paraíba, a classe registrou crescimento na casa dos 11% e 9%, respectivamente. Nos demais estados da região, os acréscimos registrados em junho se situaram entre 4% e 6%.

O bom desempenho da classe comercial no Nordeste em junho foi favorecido pelo fato de junho ser um mês tradicionalmente de festas na região, o que deve ter incrementado as atividades ligadas ao turismo. Esse fato pode ter, de certa forma, compensado a redução do consumo de energia elétrica decorrente das interrupções das atividades do comércio e serviços em geral nos horários dos jogos da Copa.

Como já citado, no Subsistema Sudeste/CO, o consumo comercial não apresentou aumento frente a junho de 2005 (taxa de -0,3%). A análise desagregada mostra variação nula tanto no Sudeste (-0,4%) como no Centro-Oeste (-0,5%).

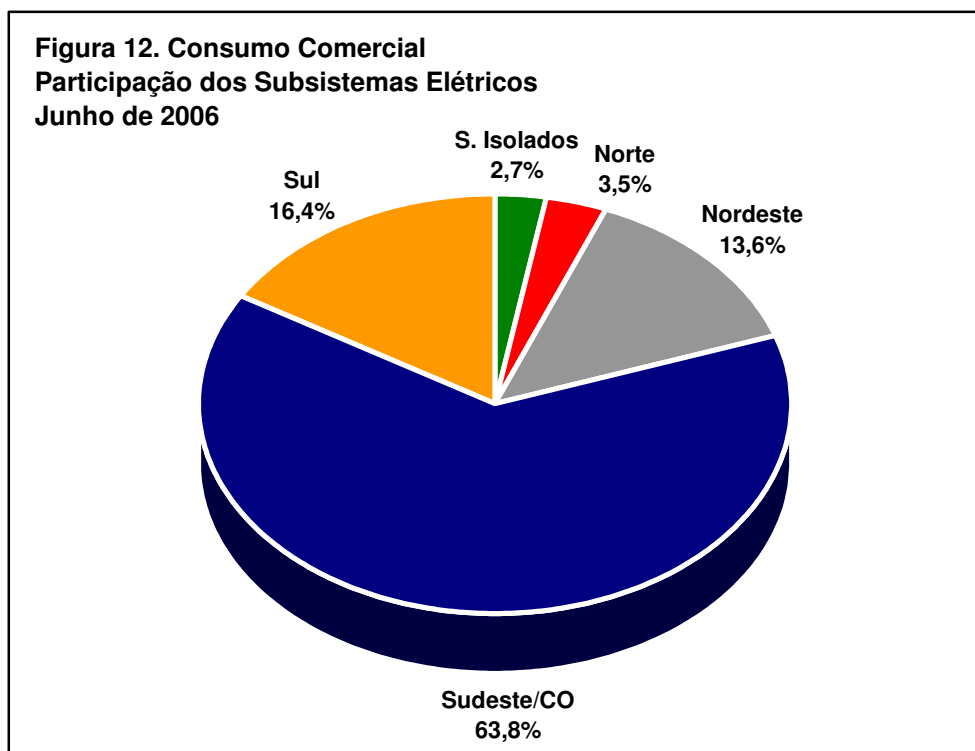
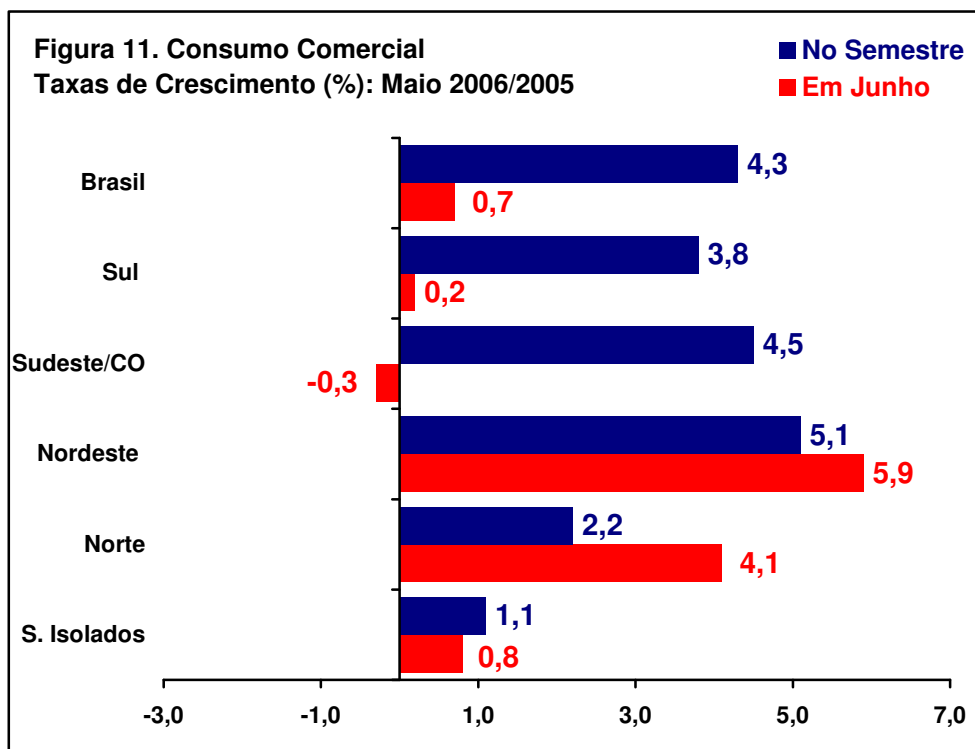
Na região Sudeste, o resultado negativo decorreu do desempenho apresentado pela classe no Rio de Janeiro, que apontou taxa mensal próxima dos -4%. Em São Paulo, o consumo manteve-se no mesmo patamar de junho de 2005 (taxa praticamente nula), enquanto em Minas Gerais e Espírito Santo o crescimento ocorreu entre 1% e 2%.

Já no Centro-Oeste, o desempenho da classe foi mais diferenciado entre os estados da região. Se por um lado, no Distrito Federal e em Goiás, o crescimento no mês se situou em torno dos 3%, por outro, no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul, se verificou decréscimo nas casa dos 2% e 7%, respectivamente. Neste último, devem-se observar as elevadas temperaturas registradas no estado, conforme já citado.

No Sul, a classe comercial também manteve o consumo no mesmo nível de 2005, anotando variação de 0,2% no mês de junho. Tal fato também se verificou no Paraná e no Rio Grande do Sul, ambos com taxa mensal foi -0,3%. Santa Catarina revelou desempenho um pouco melhor, obtendo crescimento na casa de 1%.

Nos Sistemas Isolados, onde o dado preliminar indica variação de 0,8% para o consumo comercial em junho, observa-se comportamento distinto entre os estados e áreas de concessão. Em Manaus, que concentra 45% do consumo comercial no subsistema, verificou-se aumento de 2%. Em Rondônia (cerca de 25% do total da classe), o aumento foi de 3%, enquanto no Acre ocorreu decréscimo de praticamente 2%.

A comparação das taxas de crescimento do consumo comercial nos subsistemas, considerando o mês de junho e o 1º semestre do ano, é feita na Figura 11 a seguir. Já na Figura 12, faz-se a repartição do consumo comercial entre os subsistemas elétricos.

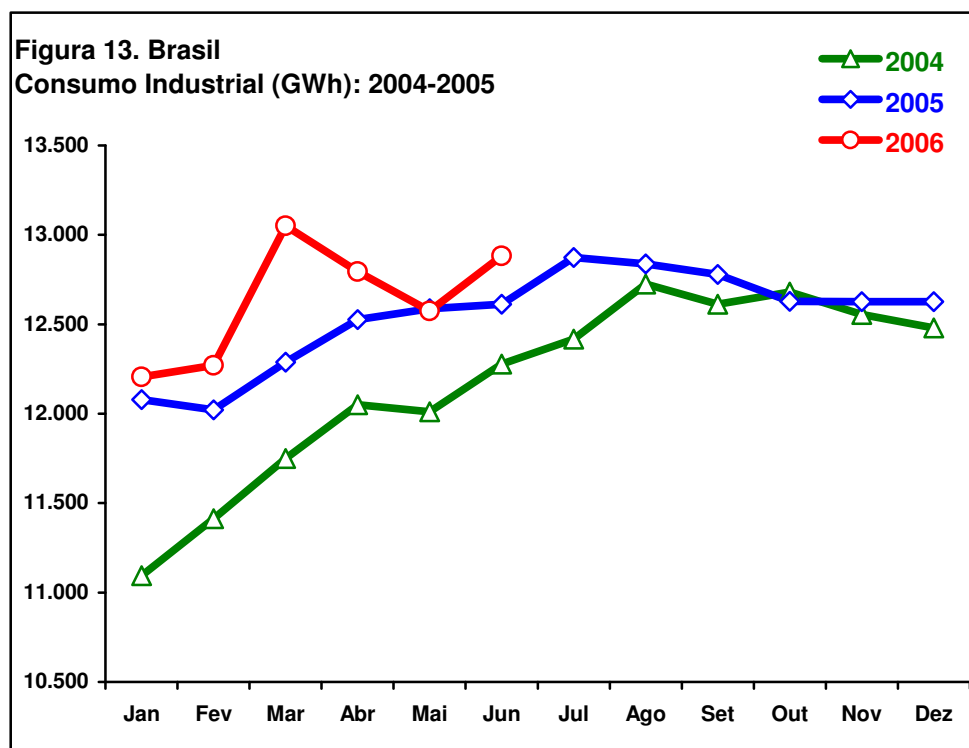


### 2.3. Consumo Industrial

O consumo industrial representou 45,3% do mercado de fornecimento em junho, registrando um valor de 12.883 GWh. Após não ter apresentado crescimento em maio (taxa de -0,1%), o segmento registrou um pequeno aumento em junho, com a taxa de 2,1%.

Com o resultado de junho, o consumo industrial de energia elétrica no País encerrou o primeiro semestre de 2006 com expansão de 2,2% ante o mesmo período de 2005. Esta é a menor taxa entre os principais segmentos do mercado.

A evolução do consumo industrial nacional é ilustrada na Figura 13 abaixo.



### ***Produção Industrial – Resultados para o Brasil***

Após o crescimento de 4,8% verificado em maio, a produção industrial no País mostrou queda em junho, registrando taxa de -0,6% em relação ao mesmo mês de 2005 e de -1,7% frente a maio último. Com tais resultados, a indústria nacional encerrou o primeiro semestre de 2006 com expansão de 2,6% sobre o mesmo período de 2005. No acumulado dos 12 últimos meses findos em junho, a taxa encontra-se em 2,0%.

Entre os fatores explicativos para o recuo da produção em relação a maio estão as paradas informais para acompanhamento da Copa do Mundo, interrupções programadas em plataformas de extração de petróleo, greve em montadoras e nível de estoque alto.

Na realidade, o recuo observado na comparação com maio deste ano teve perfil generalizado, atingindo 17 dos 23 ramos pesquisados. Os maiores impactos negativos vieram de *veículos automotores* (-4,6%), em grande parte devido às greves das montadoras, *outros produtos químicos* (-4,8%), *indústria extrativa* (-3,4%), *máquinas e equipamentos* (-2,1%), *material eletrônico e equipamentos de comunicações* (-3,3%) e *outros equipamentos de transporte* (-7,2%).

Todas as categorias de uso tiveram queda nesta comparação com maio, fato que não ocorria desde julho de 2005. O segmento *bens intermediários*, de maior peso na estrutura industrial, teve o pior resultado (-1,9%), afetado principalmente pela *extração de petróleo*, que caiu 4,3%.

As produções de *bens de capital* e a de *bens de consumo semi e não-duráveis* recuaram 1% ambas, depois de aumentos de respectivamente 2% e 0,4% na passagem de abril para maio. Já o setor *bens de consumo duráveis* (-1,1%) mostrou decréscimo pelo segundo mês consecutivo, acumulando uma perda de 1,7% em maio/junho.

Na comparação com junho de 2005, a indústria geral decresceu 0,6%, verificando-se taxas negativas na maior parte (16) dos 27 setores pesquisados. Vale observar, neste caso, a diferença de dias úteis: foram 21 em 2006 contra 22 em 2005.

A maior influência negativa sobre a essa taxa global foi exercida por *material eletrônico e equipamentos de comunicações* (-21%), pressionado pelo recuo na produção de *telefones celulares* (-32,1%). No caso de *veículos automotores*, a redução observada foi de 4,8%.

Ainda na comparação com junho de 2005, os índices por categoria de uso mostram que apenas *bens de consumo semi e não-duráveis* manteve taxa positiva (1,6%), influenciado pelo desempenho do subsetor de *carburantes* (16,4%), apoiado no aumento da produção de *gasolina* (17,8%) e *álcool* (13,9%).

O setor *bens de consumo duráveis* interrompeu a seqüência de seis meses de crescimento, registrando taxa de -4,3% frente a junho de 2005. Pesou sobre este resultado o desempenho



negativo de *telefones celulares* (-32,1%), já que *automóveis* (1,8%) e *eletrodomésticos* (5,4%) expandiram.

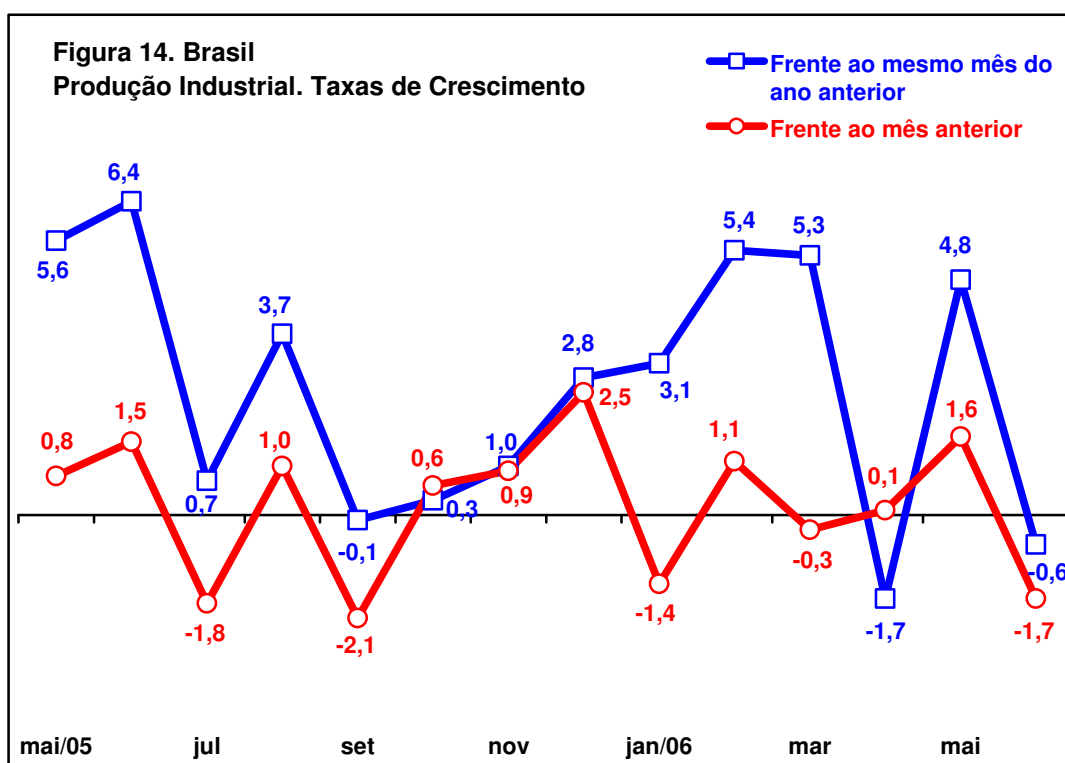
A Tabela 5 a seguir apresenta os resultados da produção industrial em junho de 2006, enquanto que a figura 14 ilustra a evolução das taxas mensais de crescimento em relação ao ano anterior e em relação ao mês imediatamente anterior.

**Tabela 5. Brasil**  
**Indicadores Conjunturais da Indústria segundo Categoria de Uso**  
**Mês de Referência: Junho**

Categoria de Uso	Variação (%)			
	Mês/Mês *	Mensal	Acumulado	
			No Ano	12 Meses
Bens de Capital	-1,0	-2,0	5,0	4,1
Bens Intermediários	-1,9	-0,5	1,7	0,6
Bens de Consumo	-1,7	0,2	3,8	3,7
Duráveis	-1,1	-4,3	7,5	7,2
Semiduráveis e não Duráveis	-1,0	1,6	2,7	2,8
<b>Indústria Geral</b>	<b>-1,7</b>	<b>-0,6</b>	<b>2,6</b>	<b>2,0</b>

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

\* com ajuste sazonal





Empresa de Pesquisa Energética

### ***Consumo Industrial de Energia Elétrica – Resultados Desagregados***

A análise desagregada do consumo industrial de energia elétrica mostra, na comparação com junho de 2005, que todos os subsistemas registraram aumento. No Norte Interligado a taxa foi de 6,9% (a maior entre os subsistemas), enquanto nos Sistemas Isolados o crescimento alcançou 5,5%. No Sul, se verificou expansão de 3,1%, enquanto no Nordeste o aumento ficou em 1,4% e, no Sudeste/CO, de 1,1%.

O baixo crescimento de 1,4% verificado no Nordeste refletiu, principalmente, o desempenho negativo do fornecimento industrial da CHESF, que, totalizando 40% do consumo industrial total no subsistema, acusou decréscimo próximo de 4% frente a junho de 2005. Este resultado continua sendo influenciado pelo desempenho negativo do setor de ferroligas (-22% no mês), que se encontra bastante afetado pela valorização cambial. As indústrias do setor de soda-cloro, que em maio haviam realizado paralisações para manutenção e por problemas operacionais, retomaram a produção em junho, mas ainda sem restabelecer o consumo mensal pleno.

Nos demais estados do Nordeste, o comportamento do consumo industrial foi bem distinto. Paraíba se destacou com crescimento de 14%, devendo-se observar, porém, que essa elevada taxa se deve, em grande parte, a uma base de comparação muito deprimida, pois uma grande indústria de cimento havia parado para manutenção em junho do ano passado.

A Bahia (considerando o fornecimento da COELBA) e o Ceará, que juntos representam aproximadamente 30% do mercado industrial no subsistema, apresentaram crescimentos baixos, entre 1% e 2%. O Piauí, por sua vez, registrou variação negativa no mês, (taxa no patamar de -2%).

O Norte Interligado registrou, entre os subsistemas elétricos, o maior crescimento do mês de junho: 6,9%. Esse resultado foi determinado, fundamentalmente, pelo desempenho do conjunto das indústrias atendidas pela ELETRONORTE no Maranhão e no Pará (91% do total da classe no subsistema), que consolidou crescimento de 8,5% no mês. Entre essas indústrias, destacaram-se a Alumar-Redução (MA), Mineradora Serra do Sossego (PA) e Alunorte Fabril (PA), com aumentos nos respectivos consumos de 16%, 19% e 9%.

Na área do Pará atendida pela CELPA, o consumo industrial registrou baixo crescimento, 2%, enquanto no Maranhão (parcela do mercado atendida pela CEMAR) ocorreu variação negativa (-26%), ainda devido à desativação de grande indústria de papel para modernização da planta. No Tocantins, o consumo industrial vem registrando variações mensais negativas desde o início do ano.

O Subsistema Sudeste/CO apresentou aumento para o consumo industrial, registrando, em comparação a junho de 2005, variação de 1,1%. Na Região Sudeste, separadamente, o aumento foi de apenas 0,6%, enquanto no Centro-Oeste alcançou-se expansão de 8,7%.

Todos os estados do Sudeste apresentaram comportamento desfavorável, alguns anotando variações negativas e outros acusando crescimentos muito baixos ou praticamente nulos.



Empresa de Pesquisa Energética

Entre os estados da região, Espírito Santo apresentou o melhor desempenho em junho, aumentando o consumo industrial na casa dos 3%.

No Rio de Janeiro, o consumo industrial manteve-se praticamente no mesmo patamar de junho de 2005 (variação ligeiramente acima de 0%). Como destaque no estado, tem-se um bom desempenho do ramo químico na área de concessão da AMPLA, devido à consolidação de grande carga industrial.

Minas Gerais também não apresentou aumento de consumo industrial em junho, registrando no mês taxa de -0,6%. Finalmente, o consumo industrial em São Paulo acusou crescimento, em junho, de 1,1%.

No Centro-Oeste, verificou-se aumento de 8,7% do consumo industrial, com dito.

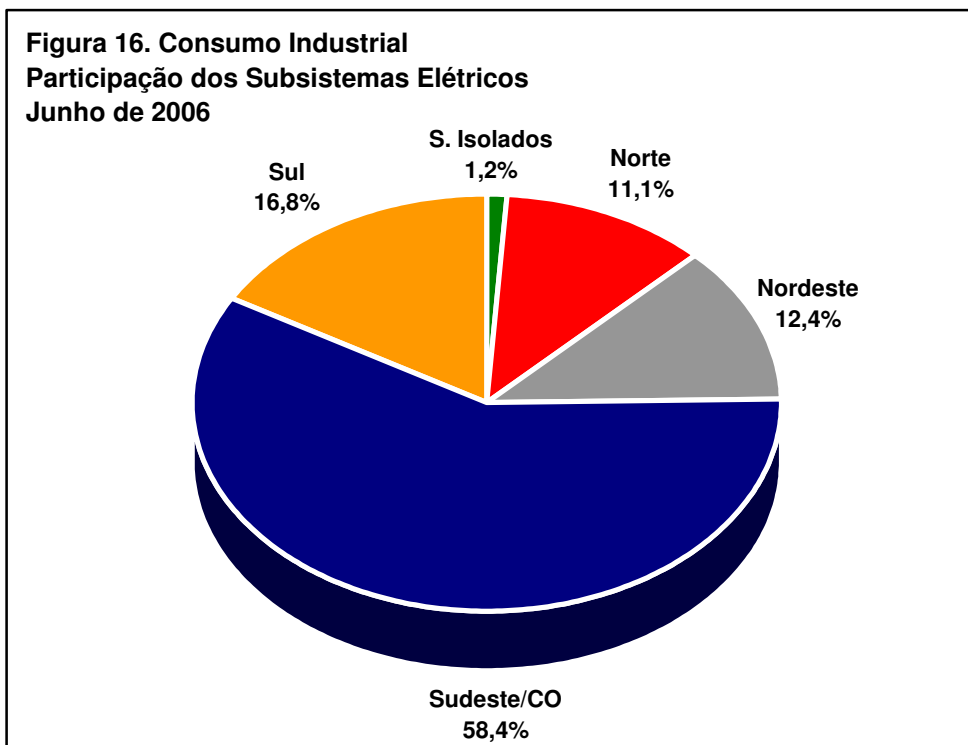
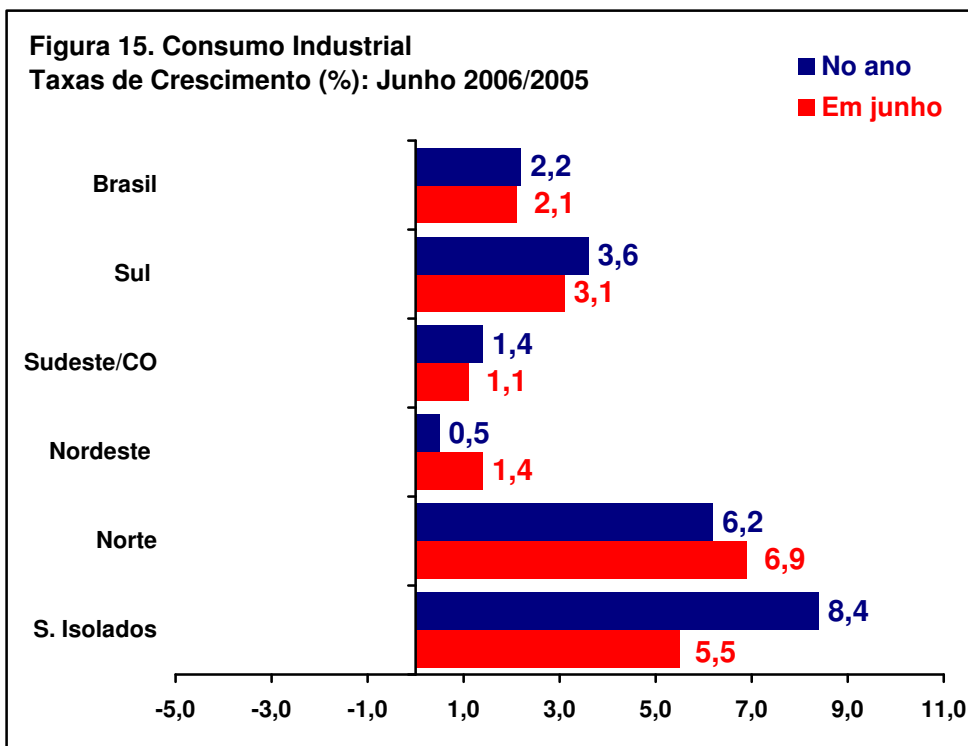
Com grande participação na região (próxima de 50%), o consumo industrial de Goiás influenciou neste resultado global, uma vez que registrou taxa na casa dos 19% no mês. Este resultado, contudo, reflete uma base de comparação muito baixa, pois em junho de 2005 foram feitos ajustes no faturamento de alguns clientes industriais, com o estorno de cerca de 18 GWh.

No Mato Grosso do Sul, o consumo industrial apresentou aumento no patamar de 2% em junho, após três meses consecutivos com redução. A economia no Mato Grosso do Sul vem sendo prejudicada pela crise do agronegócio, refletindo-se principalmente nas atividades dos frigoríficos e aquelas ligadas à soja.

Finalmente, no Sul Interligado, o consumo industrial cresceu 3,1% em junho. As taxas acumuladas são de 3,6% e de 1,9% no ano e nos 12 últimos meses, respectivamente.

Todos os estados do Sul registraram aumento de consumo na comparação com junho do ano passado. O melhor resultado foi revelado pelo Paraná, que apontou crescimento no patamar dos 4%. Em seguida veio o Rio Grande do Sul, com expansão de 3%, e, finalmente, Santa Catarina, cujo aumento foi da ordem de 2%.

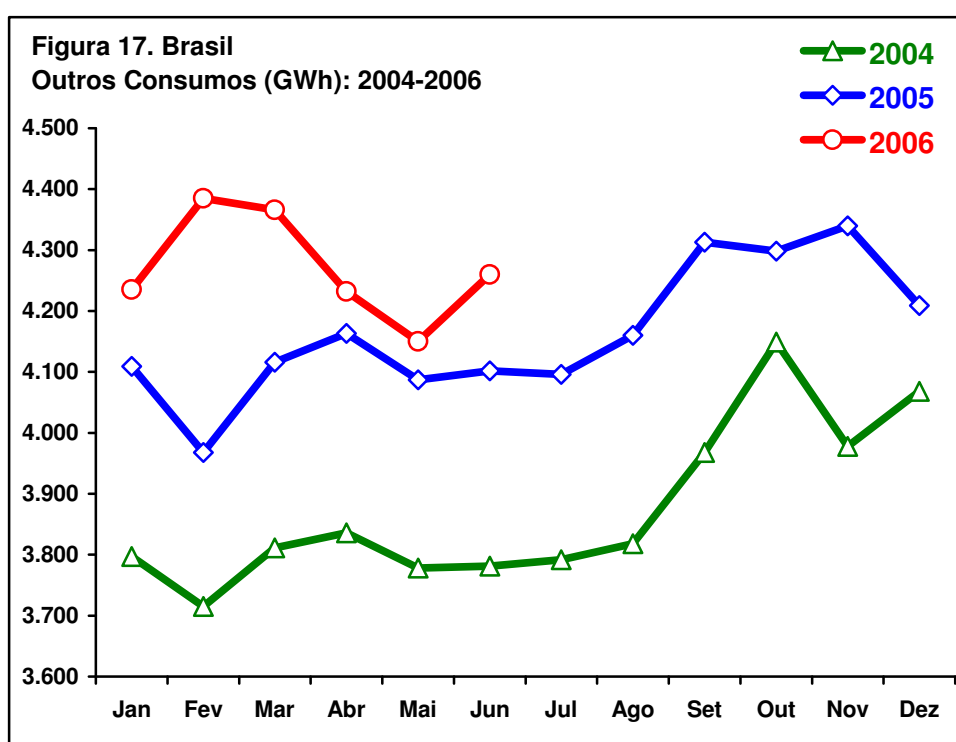
As Figuras 15 e 16 a seguir apresentam, respectivamente, o crescimento do consumo industrial em cada subsistema elétrico no mês de junho e as suas participações no total do industrial.



## 2.4. Outros Consumos

O segmento outros consumos, que agrega o consumo das classes rural, poder público, iluminação pública, serviço público e consumo próprio, registrou, em junho de 2006, crescimento de 3,9% quando comparado ao mesmo mês do ano passado. Com este resultado, o segmento acumulou no primeiro semestre de 2006 expansão de 4,4%, a maior taxa entre os principais segmentos do mercado.

O gráfico abaixo ilustra a evolução mensal do consumo desse agregado desde janeiro de 2004.



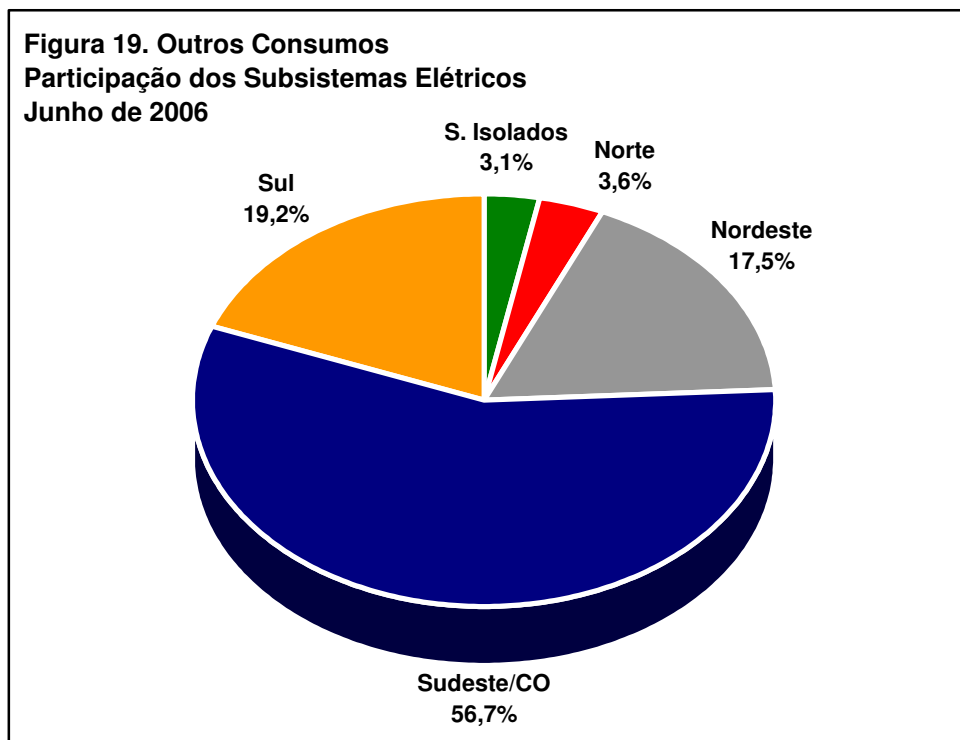
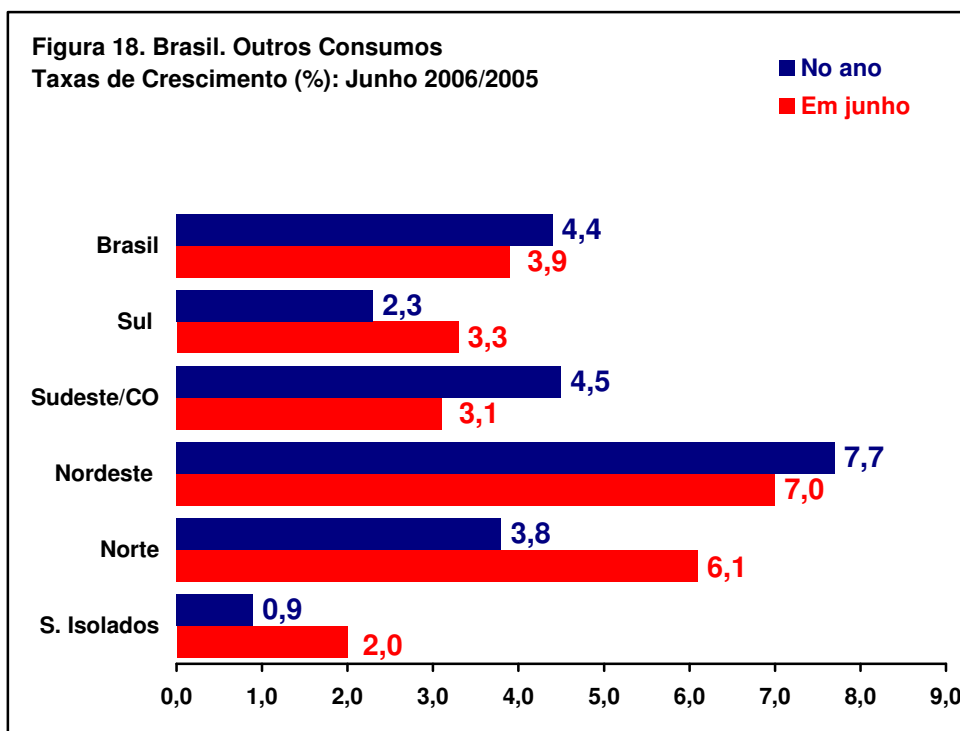
Em termos de crescimento, o melhor desempenho foi apresentado pela classe serviço público (7,3%), que consumiu 1.038 GWh neste mês de junho, representando 24% do agregado. A análise pelos subsistemas elétricos mostra crescimento elevado no Nordeste Interligado (19,7%), onde se destacam os resultados registrados em Alagoas (18%) e em Sergipe (14%), este em função da entrada em operação de nova máquina da companhia de abastecimento de água de Aracaju.

Após decréscimo de quase 3% em abril e crescimento nulo em maio, a classe rural apresentou o segundo melhor desempenho do mês de junho, anotando expansão de 5,4%. A classe totalizou um consumo de 1.281 GWh, respondendo por 30% do consumo total do agregado no mês. Observou-se crescimento de 8% no Subsistema Sudeste/CO, onde resultado verificado no Espírito Santo foi o grande destaque: crescimento de 34%.

Respondendo por 21% do agregado, iluminação pública registrou decréscimo de 1,3%, refletindo em grande parte a redução (-3,4%) observada no Sudeste/CO. Finalmente, poder

público (também 21% do agregado) apontou aumento de 4,4% ante junho de 2005, neste caso cabendo os maiores crescimentos ao Norte (8,5%) e Nordeste (7,5%) Interligados.

A Figura 18 a seguir apresenta a evolução mensal do consumo do segmento *outros* desde o início de 2004, enquanto na Figura 19 faz-se a sua distribuição entre os subsistemas elétricos.



### 3. Mercado de Distribuição

O consumo de energia no ambiente de contratação livre totalizou, em junho de 2006, o montante de 7.036 GWh, montante 18% superior ao do mesmo mês de 2005. A rubrica representou 25% do mercado de fornecimento.

Desse montante, 4.796 GWh foram consumidos no Subsistema Sudeste/Centro-Oeste e 1.179 GWh no Norte Interligado que, assim, concentraram 85% do total.

Ainda no mês de junho, a autoprodução transportada totalizou 725 GWh, 7% a mais que em junho de 2005. Assim, o mercado de distribuição - mercado de fornecimento (cativo + livre) + autoprodução transportada – somou, neste mês de junho, o montante de 29.148 GWh, indicando crescimento de 2,4% ante a igual mês de 2005.

A Tabela 6 a seguir apresenta os totais apurados dessas rubricas no mês de junho de 2006, desagregados por região e subsistema elétrico.

**Tabela 6. Brasil, Subsistemas Elétricos e Regiões**  
**Consumo de Energia Elétrica. Mercado cativo, Livre e Autoprodução Transportada (GWh)**  
**Mês de Referência: Junho**

Subsistema/ Região	Cativo			Consumo Livre		Autoprodução Transportada		Mercado de Distribuição		
	2005	2006	%	2005	2006	2005	2006	2005	2006	%
<b>Subsistemas Elétricos</b>										
Sistemas Isolados	593	599	1,0	-	-	-	-	593	599	1,0
Norte Interligado	837	826	-1,4	1.051	1.179	-	-	1.888	2.004	6,1
Nordeste Interligado	3.496	3.524	0,8	312	430	4	-	3.812	3.954	3,7
Sudeste/CO Interligado	12.604	12.239	-2,9	4.172	4.796	650	696	17.427	17.720	1,7
Sul Interligado	4.302	4.200	-2,4	420	631	23	39	4.745	4.870	2,6
<b>Brasil</b>	<b>21.832</b>	<b>21.388</b>	<b>-2,0</b>	<b>5.955</b>	<b>7.036</b>	<b>677</b>	<b>725</b>	<b>28.465</b>	<b>29.148</b>	<b>2,4</b>
<b>Região</b>										
Norte	1.137	1.156	1,4	553	605	-	-	1.690	1.761	4,2
Nordeste	3.761	3.779	0,5	810	1.004	4	-	4.575	4.782	4,5
Sudeste	11.094	10.714	-3,4	4.069	4.652	650	686	15.814	16.052	1,5
Sul	4.302	4.200	-2,4	420	631	23	39	4.745	4.870	2,6
Centro-Oeste	1.538	1.539	0,1	103	144	-	-	1.640	1.683	2,6
<b>Brasil</b>	<b>21.832</b>	<b>21.388</b>	<b>-2,1</b>	<b>5.955</b>	<b>7.036</b>	<b>677</b>	<b>725</b>	<b>28.465</b>	<b>29.148</b>	<b>2,4</b>

Valores preliminares



Empresa de Pesquisa Energética

#### **4. Mercado de Distribuição e Carga de Energia**

Este item se destina a fazer um paralelo entre os dados referentes ao consumo efetivo de energia elétrica e à carga de energia, cujo acompanhamento é feito pelo ONS – Operador Nacional do Sistema Elétrico e pelo GTON – Grupo Técnico Operacional da Região Norte nos Sistemas Isolados. A comparação desses dados permite se identificar o volume das perdas do sistema, ou seja, a energia produzida que não chega ao consumidor (perdas técnicas) ou não é faturada pelos agentes vendedores (perdas comerciais).

Através da Tabela 7 a seguir, verifica-se que, tomando como referência o período dos 12 últimos meses findos em junho, o nível de perdas no Brasil, considerando apenas o sistema interligado, encontra-se em 16,6%, devendo-se observar que o Nordeste apresenta o índice mais elevado, chegando a 18,7%. Nos Sistemas Isolados, em função de perdas elevadas tanto técnicas como comerciais, o índice alcança o patamar dos 35,6%.



**Tabela 7. Mercado de Distribuição e Carga de Energia**

**Mês de Referência: Junho**

<b>Subsistemas Elétricos</b>	<b>No mês</b>		<b>Até o mês</b>		<b>12 Meses</b>	
	<b>Valor</b>	<b>Δ %</b>	<b>Valor</b>	<b>Δ %</b>	<b>Valor</b>	<b>Δ %</b>
<b>Sistemas Isolados</b>						
<b>Carga de Energia (MWméd)</b>	1.289		1.243		1.285	
<b>Consumo de Distribuição (GWh)</b>	599		3.513		7.250	
- Consumo de Fornecimento	599	1,0	3.513	1,9	7.250	4,3
Perdas (%)	35,4		34,9		35,6	
<b>Norte Interligado</b>						
<b>Carga de Energia (MWméd)</b>	3.455		3.365		3.287	
- ONS	3.397		3.307		3.229	
- Geração Distribuída Própria	58		58		58	
<b>Consumo de Distribuição (GWh)</b>	2.004		11.803		23.549	
- Consumo de Fornecimento	2.004	6,2	11.802	4,9	23.549	3,8
- Autoprodução Transportada	0		1		0	
Perdas (%)	19,4		19,3		18,2	
<b>Nordeste</b>						
<b>Carga de Energia (MWméd)</b>	6.537		6.815		6.790	
- ONS	6.524		6.802		6.777	
- Geração Distribuída Própria	13		13		13	
<b>Consumo de Distribuição (GWh)</b>	3.954		24.224		48.379	
- Consumo de Fornecimento	3.954	3,8	24.224	3,1	48.375	4,2
- Autoprodução Transportada	0		0		4	
Perdas (%)	16,0		20,4		18,7	
<b>Sudeste/Centro-Oeste</b>						
<b>Carga de Energia (MWméd)</b>	28.901		29.776		29.223	
- ONS	28.456		29.331		28.778	
- Geração Distribuída Própria	445		445		445	
<b>Consumo de Distribuição (GWh)</b>	17.720		107.034		213.279	
- Consumo de Fornecimento	17.035	1,5	102.776	3,1	204.148	3,8
- Autoprodução Transportada	686		4.258		9.131	
Perdas (%)	14,8		20,4		16,7	
<b>Sul</b>						
<b>Carga de Energia (MWméd)</b>	7.746		8.035		7.740	
- ONS	7.676		7.965		7.670	
- Geração Distribuída Própria	70		70		70	
<b>Consumo de Distribuição (GWh)</b>	4.870		30.037		58.470	
- Consumo de Fornecimento	4.831	2,3	29.824	3,1	58.143	3,5
- Autoprodução Transportada	39		213		327	
Perdas (%)	12,7		13,8		13,8	
<b>Sistema Interligado Nacional</b>						
<b>Carga de Energia (MWméd)</b>	46.639		47.992		47.040	
- ONS	46.053		47.406		46.454	
- Geração Distribuída Própria	586		586		586	
<b>Consumo de Distribuição (GWh)</b>	28.549		173.098		343.677	
- Consumo de Fornecimento	27.824	2,3	168.626	3,2	334.215	3,7
- Autoprodução Transportada	725		4.472		9.462	
Perdas (%)	15,0		17,0		16,6	
<b>Sistema Elétrico Nacional</b>						
<b>Carga de Energia (MWméd)</b>	47.928		49.234		48.325	
- ONS	46.053		47.406		46.454	
- Geração Distribuída Própria	586		586		586	
- Norte Isolado	1.289		1.243		1.285	
<b>Consumo de Distribuição (GWh)</b>	29.148		176.611		350.928	
- Consumo de Fornecimento	28.424	2,3	172.139	3,2	341.465	3,7
- Autoprodução Transportada	725		4.472		9.462	
Perdas (%)	15,5		17,4		17,1	

Fontes: ONS - Concessionárias

(\*) Pequenas Gerações CTEM: 407 MWmed (\*\*) Eletrobrás  
CCEE: 179 MWmed

Dados preliminares

## **Anexos**

## Anexo 1: Definições e conceitos

**Autoprodução transportada.** Volume de energia consumido por consumidores a partir de unidades de geração de sua propriedade, que estão interconectadas ao SIN, utilizam-se da rede de transmissão, sub-transmissão e, eventualmente, de distribuição, e são despachadas centralizadamente pelo ONS.

**Carga de energia.** Volume de energia requerido pelo sistema gerador. Compreende o consumo de energia medido pelos agentes vendedores e as perdas do sistema elétrico.

**Classes de consumo.** Classificação dos consumidores de energia elétrica conforme sua característica principal. São classes de consumo: residencial, comercial, industrial, rural, poderes públicos, serviços públicos, iluminação pública e consumo próprio. Neste informe, somente as classes residencial, comercial e industrial são especificadas.

**Consumidor cativo.** Consumidor de energia elétrica cujo fornecimento é feito pela concessionária de distribuição da área onde está situado.

**Consumidor livre.** Consumidor de energia elétrica que exerceu a opção, permitida por lei, de escolher seu fornecedor, que não a distribuidora a qual está conectado.

**Geração distribuída ou pequena geração.** Volume de energia produzido por pequenas usinas interconectadas à rede elétrica do SIN que, em razão de seu porte, não são despachadas centralizadamente.

**Mercado de fornecimento.** Volume de energia consumido pela totalidade dos consumidores cativos e livres.

**Mercado de distribuição.** Volume de energia consumido pela totalidade dos consumidores cativos e livres, acrescido da autoprodução transportada.

**Mercado livre.** Volume de energia consumido pelos consumidores livres.

**Perdas.** Diferença entre o consumo de energia medido junto aos consumidores e a carga. Compreende perdas elétricas (perdas técnicas), perdas comerciais (perdas no faturamento das distribuidoras), erros, diferenças e omissões no faturamento.

**Sistema Interligado Nacional – SIN.** Sistema elétrico interconectado eletricamente, com a operação das usinas centralizada e coordenada pelo Operador Nacional do Sistema – ONS. O SIN está dividido em quatro subsistemas regionais, a saber: Norte Interligado, Nordeste, Sudeste/Centro-Oeste e Sul.

**Sistemas isolados.** Sistemas elétricos radiais (geração dedicada a um mercado específico), não interconectados ao SIN. Em sua quase totalidade estão situados na Região Norte do país.

## Anexo 2: Mercado de Fornecimento por Subsistema Elétrico

Subsistemas/ Classes	1º Trimestre			2º Trimestre			1º Semestre		
	2005	2006	%	2005	2006	%	2005	2006	%
<b>Brasil</b>	<b>82.745</b>	<b>86.552</b>	<b>4,6</b>	<b>84.061</b>	<b>85.587</b>	<b>1,8</b>	<b>166.807</b>	<b>172.139</b>	<b>3,2</b>
Residencial	20.769	21.706	4,5	20.640	21.144	2,4	41.410	42.850	3,5
Industrial	36.389	37.527	3,1	37.727	38.253	1,4	74.116	75.780	2,2
Comercial	13.393	14.333	7,0	13.342	13.547	1,5	26.734	27.880	4,3
Outros	12.194	12.986	6,5	12.353	12.643	2,4	24.546	25.630	4,4
<b>Sistemas Isolados</b>	<b>1.704</b>	<b>1.734</b>	<b>1,7</b>	<b>1.742</b>	<b>1.779</b>	<b>2,1</b>	<b>3.446</b>	<b>3.513</b>	<b>1,9</b>
Residencial	588	577	-1,8	580	572	-1,5	1.168	1.149	-1,7
Industrial	414	449	8,4	437	473	8,4	851	922	8,4
Comercial	338	341	0,9	344	349	1,4	683	690	1,1
Outros	364	367	0,8	381	385	1,1	745	752	0,9
<b>Norte Interligado</b>	<b>5.611</b>	<b>5.820</b>	<b>3,7</b>	<b>5.637</b>	<b>5.982</b>	<b>6,1</b>	<b>11.248</b>	<b>11.802</b>	<b>4,9</b>
Residencial	770	763	-0,9	772	784	1,6	1.542	1.548	0,4
Industrial	4.015	4.209	4,8	4.010	4.314	7,6	8.025	8.522	6,2
Comercial	412	422	2,4	426	434	2,0	837	856	2,2
Outros	414	426	2,9	430	450	4,6	845	877	3,8
<b>Nordeste Interligado</b>	<b>11.774</b>	<b>12.238</b>	<b>3,9</b>	<b>11.731</b>	<b>11.986</b>	<b>2,2</b>	<b>23.505</b>	<b>24.224</b>	<b>3,1</b>
Residencial	3.165	3.225	1,9	3.061	3.165	3,4	6.227	6.390	2,6
Industrial	4.666	4.750	1,8	4.829	4.796	-0,7	9.495	9.545	0,5
Comercial	1.770	1.867	5,5	1.739	1.819	4,7	3.509	3.687	5,1
Outros	2.172	2.396	10,3	2.102	2.206	5,0	4.274	4.602	7,7
<b>Sudeste/CO Interligado</b>	<b>49.082</b>	<b>51.534</b>	<b>5,0</b>	<b>50.604</b>	<b>51.242</b>	<b>1,3</b>	<b>99.686</b>	<b>102.776</b>	<b>3,1</b>
Residencial	12.735	13.478	5,8	12.819	13.197	3,0	25.554	26.675	4,4
Industrial	21.507	22.067	2,6	22.220	22.269	0,2	43.727	44.336	1,4
Comercial	8.550	9.224	7,9	8.622	8.717	1,1	17.172	17.941	4,5
Outros	6.290	6.765	7,6	6.944	7.059	1,7	13.233	13.824	4,5
<b>Sul Interligado</b>	<b>14.574</b>	<b>15.225</b>	<b>4,5</b>	<b>14.347</b>	<b>14.598</b>	<b>1,8</b>	<b>28.921</b>	<b>29.824</b>	<b>3,1</b>
Residencial	3.511	3.662	4,3	3.408	3.426	0,5	6.919	7.088	2,4
Industrial	5.788	6.053	4,6	6.231	6.401	2,7	12.019	12.453	3,6
Comercial	2.322	2.479	6,8	2.212	2.228	0,7	4.534	4.707	3,8
Outros	2.953	3.032	2,7	2.496	2.544	1,9	5.449	5.576	2,3

Valores preliminares

### Anexo 3: Temperaturas Médias, em Graus Celsius

Capital	Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jan-Jun
Macapá	2005	27,8	26,8	26,6	27,0	27,2	27,7	27,2
	2006	26,9	26,3	26,3	26,2	26,7	26,4	26,5
	Diferença	-0,9	-0,5	-0,3	-0,8	-0,5	-1,3	-0,7
Rio Branco	2005	26,2	25,6	25,8	25,3	25,3	24,5	25,5
	2006	25,5	25,5	26,0	25,3	22,5	24,3	24,9
	Diferença	-0,7	-0,1	0,2	0,0	-2,8	-0,2	-0,6
Porto Velho	2005	27,0	26,1	26,1	26,2	26,1	25,3	26,1
	2006	26,2	25,9	26,2	26,0	24,5	25,7	25,8
	Diferença	-0,8	-0,2	0,1	-0,2	-1,6	0,4	-0,4
Boa Vista	2005	28,8	28,4	29,0	27,8	27,0	27,7	28,1
	2006	27,8	28,4	29,1	29,0	26,6	26,5	27,9
	Diferença	-1,0	0,0	0,1	1,2	-0,4	-1,2	-0,2
Palmas	2005	26,7	26,7	26,2	27,4	26,7	26,8	26,8
	2006	26,9	25,9	26,1	25,7	26,1	25,8	26,1
	Diferença	0,2	-0,8	-0,1	-1,7	-0,6	-1,0	-0,7
Belém	2005	27,2	26,8	26,8	26,8	26,7	27,3	26,9
	2006	26,7	26,5	29,1	29,0	26,6	27,2	27,5
	Diferença	-0,5	-0,3	2,3	2,2	-0,1	-0,1	0,6
Manaus	2005	27,7	26,7	26,5	26,9	27,3	27,8	27,2
	2006	26,8	26,4	26,7	26,6	26,3	27,2	26,7
	Diferença	-0,9	-0,3	0,2	-0,3	-1,0	-0,6	-0,5
São Luiz	2005	27,6	27,5	26,5	26,7	26,9	26,7	27,0
	2006	26,8	26,6	26,2	25,9	26,2	26,3	26,3
	Diferença	-0,8	-0,9	-0,3	-0,8	-0,7	-0,4	-0,6
Fortaleza	2005	28,2	28,3	27,8	27,7	26,9	26,1	27,5
	2006	28,0	27,7	27,4	26,5	26,5	26,0	27,0
	Diferença	-0,2	-0,6	-0,4	-1,2	-0,4	-0,1	-0,5
Teresina	2005	28,2	27,2	26,7	26,9	27,0	26,7	27,1
	2006	27,4	26,2	26,6	26,3	26,4	26,0	26,5
	Diferença	-0,8	-1,0	-0,1	-0,6	-0,6	-0,7	-0,6
Natal	2005	27,7	28,1	28,1	27,9	26,4	25,0	27,2
	2006	27,6	28,1	28,2	27,2	26,8	25,2	27,2
	Diferença	-0,1	0,0	0,1	-0,7	0,4	0,2	0,0
João Pessoa	2005	28,3	28,8	29,0	28,2	27,0	25,5	27,8
	2006	28,2	28,7	28,8	28,0	27,0	26,0	27,8
	Diferença	-0,1	-0,1	-0,2	-0,2	0,0	0,5	0,0
Recife	2005	27,7	27,8	28,2	27,2	25,8	24,9	26,9
	2006	27,1	27,7	27,6	26,6	25,9	25,0	26,7
	Diferença	-0,6	-0,1	-0,6	-0,6	0,1	0,1	-0,3
Maceió	2005	26,5	26,8	27,2	26,4	24,7	24,1	26,0
	2006	26,1	27,1	27,1	26,1	25,2	24,3	26,0
	Diferença	-0,4	0,3	-0,1	-0,3	0,5	0,2	0,0
Aracaju	2005	27,5	27,8	27,9	27,1	26,5	25,8	27,1
	2006	27,0	27,6	27,8	27,3	26,2	25,2	26,9
	Diferença	-0,5	-0,2	-0,1	0,2	-0,3	-0,6	-0,3
Salvador	2005	27,3	26,9	27,2	26,3	25,8	24,5	26,3
	2006	27,2	28,1	28,0	26,3	25,0	23,8	26,4
	Diferença	-0,1	1,2	0,8	0,0	-0,8	-0,7	0,1
Belo Horizonte	2005	23,6	23,4	23,2	23,4	20,6	19,4	22,3
	2006	24,3	25,0	23,3	22,4	20,1	18,3	22,2
	Diferença	0,7	1,6	0,1	-1,0	-0,5	-1,1	0,0
Vitória	2005	26,9	26,3	26,8	26,6	24,5	22,8	25,7
	2006	27,4	28,5	26,8	25,6	23,5	21,9	25,6
	Diferença	0,5	2,2	0,0	-1,0	-1,0	-0,9	0,0
Rio de Janeiro	2005	27,5	27,1	27,6	27,1	25,0	23,7	26,3
	2006	28,4	28,7	27,2	25,4	22,7	22,5	25,8
	Diferença	0,9	1,6	-0,4	-1,7	-2,3	-1,2	-0,5
São Paulo	2005	22,6	22,2	22,5	22,3	19,7	18,7	21,3
	2006	23,8	23,7	22,7	20,6	17,1	17,3	20,9
	Diferença	1,2	1,5	0,2	-1,7	-2,6	-1,4	-0,5
Florianópolis	2005	25,2	24,7	24,8	23,1	20,6	20,3	23,1
	2006	25,9	25,2	25,4	21,8	17,8	18,3	22,4
	Diferença	0,7	0,5	0,6	-1,3	-2,8	-2,0	-0,7
Curitiba	2005	20,8	20,7	20,8	19,7	17,3	16,5	19,3
	2006	22,3	21,8	21,2	17,9	14,2	14,9	18,7
	Diferença	1,5	1,1	0,4	-1,8	-3,1	-1,6	-0,6
Porto Alegre	2005	25,5	24,5	23,8	20,1	18,4	18,2	21,8
	2006	25,6	24,4	24,0	20,2	15,5	15,8	20,9
	Diferença	0,1	-0,1	0,2	0,1	-2,9	-2,4	-0,8
Brasília	2005	21,9	22,3	21,7	22,1	19,7	19,4	21,2
	2006	22,3	22,1	21,7	21,3	20,1	18,6	21,0
	Diferença	0,4	-0,2	0,0	-0,8	0,4	-0,8	-0,2
Cuiabá	2005	27,4	27,3	27,9	27,3	23,5	24,2	26,3
	2006	27,2	27,0	26,9	26,3	23,0	24,8	25,9
	Diferença	-0,2	-0,3	-1,0	-1,0	-0,5	0,6	-0,4
Campo Grande	2005	24,9	25,9	25,3	24,4	22,3	21,7	24,1
	2006	25,4	24,8	25,0	23,8	18,8	21,4	23,2
	Diferença	0,5	-1,1	-0,3	-0,6	-3,5	-0,3	-0,9
Goiania	2005	24,7	25,6	24,5	25,8	23,3	22,7	24,4
	2006	25,6	24,5	24,4	24,6	22,7	22,5	24,1
	Diferença	0,9	-1,1	-0,1	-1,2	-0,6	-0,2	-0,4

Fonte: INMET

## **Anexo 4: Produção Industrial Regional**

### ***Amazonas***

De acordo com o IBGE a produção industrial amazonense perdeu dinamismo em relação a junho de 2005 (-20,0%). Este resultado se deu principalmente em razão da queda de 35,4% do setor *material eletrônico e equipamentos de comunicações*, no qual se destaca o desaquecimento do subsetor de *telefones celulares*, cuja fabricação foi influenciada pela conjunção dos efeitos da redução das exportações e da alta base de comparação gerada pela elevada produção de junho de 2005.

### ***Pará***

A indústria paraense cresceu 14,8% em relação a junho de 2005. O bom desempenho da atividade fabril, no Pará, se deu principalmente pelo impacto positivo gerado pelos setores *metalurgia básica* (26,5%), *indústria extrativa* (9,2%) e *alimentos e bebidas* (35,5%), que obtiveram avanços nas produções de óxido de alumínio, minério de ferro e crustáceos congelados respectivamente. No entanto, devido à queda na produção de madeira compensada, o segmento *madeira* apresentou recuo de -13,4% para o mesmo período de análise.

### ***Região Nordeste***

A indústria do Nordeste registrou ligeira expansão (2,0%) na comparação com junho de 2005. Este crescimento teve como base os impactos positivos gerados pelos setores *celulose e papel* (22,5%), *têxtil* (9,6%) e *metalurgia básica* (10,2%), influenciados pelos aumentos na produção de celulose, tecidos e fios de algodão e alumínio não ligado em forma bruta, respectivamente.

### ***Ceará***

A indústria cearense apresentou taxa de crescimento de 7,0% em relação a junho do ano passado. Este resultado se deveu, sobretudo, ao setor de *máquinas, aparelhos e materiais elétricos* com expansão de 117,4%. Este ramo foi influenciado pelo aumento da produção de transformadores. Destacam-se também os setores *têxtil* (22,3%) e *refino de petróleo e produção de álcool* (42,5%), nos quais sobressaem as produções de tecidos de algodão, óleo diesel e gasolina, respectivamente.

### ***Pernambuco***

A atividade industrial pernambucana obteve, pela oitava vez consecutiva, expansão na comparação com o mesmo mês do ano anterior. Os principais impactos positivos foram percebidos nos setores *alimentos e bebidas* (11,5%) e *borracha e plástico* (42,9%), em que se destacaram as produções de sorvetes, cervejas e chopes, películas de plástico e tubos,

canos e mangueiras de plástico. No entanto, alguns setores apresentaram retração significativa no período, como são os casos de *produtos químicos* (-21,7%) e *produção têxtil* (-13,2%), cujas principais influências negativas vieram do recuo nas produções de borracha de estireno-butadieno e tecidos de algodão.

### **Bahia**

Apesar da expansão de 1,3% em junho, apenas quatro das nove atividades industriais pesquisadas contribuíram positivamente para esse resultado. Neste sentido, destacaram-se os setores *celulose e papel* (23,7%) e *produtos químicos* (3,4%). Os setores *refino de petróleo e produção de álcool* (-2,8%), influenciado pelo recuo nas produções de querosene e óleos lubrificantes, *alimentos e bebidas* (-3,2%), em função da queda na fabricação de leite em pó e café torrado moído, e *metalurgia básica* (-4,4%), em razão da retração nas produções de barra, perfil e vergalhões de cobre e aços ao carbono, exerceram as maiores pressões negativas sobre este resultado.

### **Minas Gerais**

Com base nas informações do IBGE, a produção industrial mineira apresentou recuo de 0,8%, no indicador mensal. Este resultado se deu, sobretudo, por conta do mau desempenho da *indústria de transformação* (-1,9%), na qual de destacaram as quedas obtidas nos subsetores *produtos de metal* (-20,7%), *outros produtos químicos* (-16,4%) e *celulose e papel* (-14,4%).

### **Espírito Santo**

A indústria capixaba cresceu 16,1%, o maior crescimento obtido desde maio de 2003, quando a taxa registrada foi de 18,1%. Este desempenho se deveu acima de tudo à expansão das *indústrias de transformação* e *extrativa*, cujos crescimentos foram de 14,6% e 19,3% respectivamente. Destacaram-se nestes setores as produções de *bebidas e alimentos* (18,4%), *metalurgia básica* (31,6%) e óleos brutos de petróleo.

### **Rio de Janeiro**

Segundo o IBGE, na comparação com junho do ano passado, a produção industrial fluminense expandiu apenas 0,8%, devendo-se notar que o comportamento positivo vem se verificando desde agosto do ano passado. Este crescimento foi apoiado no desempenho da *indústria de transformação* (3,1%), já que a *indústria extrativa* mostrou forte desaceleração no mês: taxa de -8,3%.

Esta atividade teve interrompida a seqüência de quinze meses com resultados positivos, tendo em vista paralisações técnicas para manutenção em plataformas. No que toca à indústria de transformação, a maior contribuição foi dada pelo setor refino de petróleo e produção de álcool, porém devido à baixa base de comparação, pois em junho de 2005 uma grande empresa do setor havia parado para manutenção. Em seguida, destacou-se o ramo *alimentos*,



Empresa de Pesquisa Energética

com taxa de 13%. Com desempenho negativo, apresentaram-se *veículos automotores* (-16,8%), seguido de *metalurgia básica* (-4%) e *outros produtos químicos* (-4,9%).

### **São Paulo**

Na comparação junho06/junho05, a indústria paulista registrou expansão de 0,5%. O baixo desempenho foi consequência do fato de que apenas oito das vinte atividades industriais estudadas contribuíram positivamente para o resultado. Exerceram as principais pressões negativas os segmentos *outros produtos químicos* (-7,8%) e *outros equipamentos de transporte* (-13,2%). As influências positivas ficaram a cargo dos setores *alimentos* (10,4%) e *refino de petróleo e produção de álcool* (8,2%), influenciados pelos aumentos nas produções de açúcar cristal e sucos concentrados de laranja e de gasolina e álcool.

### **Paraná**

Mesmo com apenas seis das quatorze atividades fabris estudadas em queda, a indústria paranaense recuou 1,2% em seu índice geral, na comparação com junho de 2005. Os maiores impactos negativos foram os exercidos pelos setores *veículos automotores* (-20,3%), *celulose e papel* (-14,1%) e *madeira* (-15,7%). Em sentido contrário, apresentaram taxas positivas os setores *alimentos* (9,7%), em razão do aumento na produção de açúcar cristal e de óleo de soja refinado; e *edição e impressão* (21,8%), impulsionada pelo aumento na produção de livros e impressos didáticos.

### **Santa Catarina**

A retração de 2,2% na comparação com junho de 2005 foi generalizada e se deveu principalmente ao recuo apresentado pelo setor *alimentos* (-15,8%), influenciado pela crise sanitária (febre aftosa e gripe aviária) que levou ao menor consumo de carnes e miudezas de aves. *Madeira* e *vestuário* também exerceram pressões negativas sobre o setor (-23,5% e -16,5% respectivamente). O principal impacto positivo veio de *máquinas e equipamentos* (30,5%), setor impulsionado pela maior fabricação de refrigeradores e compressores e por uma baixa base de comparação em função da paralisação para férias coletivas de um importante informante em junho de 2005.

### **Rio Grande do Sul**

A indústria gaúcha caiu 6,7% em relação a junho de 2005. Este desempenho é resultado da retração observada nos setores *máquinas e equipamentos* (-28,3%), *calçados e artigos de couro* (-19,4%) e *fumo* (-11,9%), influenciados principalmente pela produção de máquinas para colheita e aparelhos de ar condicionado; calçado de material sintético e tênis de couro; e fumo processado. Assim o Rio Grande do Sul mantém a tendência de queda apresentada em maio, quando para o mesmo indicador mensal registrou taxa negativa de 1,9%.



## Goiás

O índice geral apresentado para a indústria de Goiás registrou avanço de 2,0% na relação junho06/junho05. Este resultado teve apoio na expansão da *indústria de transformação* (3,8%), cujo crescimento foi influenciado pelos subsetores *alimentos e bebidas* (2,6%) e *produtos químicos* (9,3%). O único setor em queda foi o da *indústria extrativa*, que registrou taxa de -17,9%, em razão principal da redução na produção de amianto.

### Produção Industrial Taxas de Crescimento (%) Mês de Referência: Junho

Região	No Mês	Acumulado	
		No Ano	12 Meses
Amazonas	-20,0	-2,7	0,9
Pará	14,8	13,5	7,8
Região Nordeste	2,0	3,1	1,8
Ceará	7,0	7,2	-0,9
Pernambuco	6,1	4,7	4,2
Bahia	1,3	5,5	5,7
Minas Gerais	-0,8	4,6	4,8
Espírito Santo	16,1	4,7	2,2
Rio de Janeiro	0,8	3,3	3,0
São Paulo	0,5	3,4	2,4
Paraná	-1,2	-3,8	-4,2
Santa Catarina	-2,2	-1,0	-3,4
Rio Grande do Sul	-6,7	-3,9	-3,9
Goiás	2,0	1,8	0,9
Indústria Geral	-0,6	2,6	2,0

Fonte: IBGE